

meu olhar na fotografia

magru floriano

magru floriano

MEU OLHAR NA FOTOGRAFIA

brisa utópica

CAPA:

Fotografia de Magru Floriano nascer do sol na baía Afonso Wippel – Saco da Fazenda – Itajaí/SC.

CONTRACAPA

Foto de Eduardo Gomes - Magru Floriano e sua câmera de bolso no campus da Univali – Itajaí.

ILUSTRAÇÕES

Desenhos de Magru Floriano em nanquim.
Fotografias de Magru Floriano.

REFERÊNCIA:

FLORIANO, Magru. Meu olhar na fotografia. Itajaí: Brisa Utópica, 2025.

REVISÃO: Jornalista Thiago Floriano dos Santos.

DEDICATÓRIA:

Aos amigos artistas fotográficos Alfabile Santana, Eduardo Gomes, Ronaldo da Silva Júnior, Pedrinho Oliveira, Jandir Nascimento e Marcos Porto.

APRESENTAÇÃO

O ensaio “Meu olhar na fotografia” é o resultado do esforço de tentar explicar aos amigos a minha arte fotográfica, mostrando como é que eu penso a elaboração de uma foto. Como tudo o que faço na vida, busco, na medida do possível, estabelecer uma relação aberta e dialógica com meus parceiros de arte. Nesse sentido, elaborei no ano de 2001 o opúsculo “Como faço poesia” e, agora em 2025, elaboro um ensaio sobre fotografia de rua.

Aqui apresento os princípios norteadores de minha arte que, sinteticamente, nomeio de Signophotismo. Simbolicamente eu estabeleço o Signophotismo como uma escola para mim mesmo, de apenas um aluno e um professor: eu comigo mesmo, eu para mim. Uma reflexão pura sobre o ato de fotografar. Parece algo contraditório tentar explicar aos amigos “Como faço fotografia” ao mesmo tempo que invento uma “escola” isolada para mim mesmo. Mas, há muito, quero crer que só serei bem entendido por todos se conseguir explicar bem explicado para mim mesmo. Se eu entender com clareza o que estou querendo dizer, então, a mensagem também estará pronta para ser enviada aos amigos.

Muito embora já tenha lido muita teoria sobre a arte fotográfica, algo me dizia que devia manter o mais natural possível a postura pessoal no ato de fotografar e de ver a fotografia. Deveria ficar imune - ou um pouco afastado, se possível - das influências de técnicas e de técnicos, tendências e escolas, regras e modismos. Dessa forma, o meu olhar na fotografia é propositadamente ingênuo, não obstante meu interesse pela Semiótica, Dialética, Bauhaus, Gestalt...

Talvez deva explicar melhor esse meu desejo de ser ingênuo na fotografia. Esse purismo, obviamente, está incrustado no fato de que primeiro eu faço uma foto e, depois, até posso estabelecer uma teoria sobre ela. É evidente que uma pessoa do meu tipo, leitora compulsiva, nunca está só diante do mundo. Então, essa ingenuidade é relativa, porque o cérebro e a mente possuem suas próprias lógicas, seus próprios procedimentos e nexos. Nem sabemos ao certo como se relaciona essa dupla – cérebro e mente – para termos a pretensão de dizer que funciona assim ou assado quando estamos fotografando.

Posso simplificar tudo dizendo que, na fotografia, quero simplicidade. Quero menos teoria e mais vida, emoção, sensação, prazer...



COMO COMECEI A FOTOGRAFAR

Comecei a fotografar na década de 1970, quando trabalhei no jornal A Nação – sucursal de Itajaí dos Diários Associados. Ali, volta e meia, o Carlos Bittencourt Anversa e o Renato Mannes de Freitas - além do pessoal do Foto Deisidério - me davam umas dicas sobre fotojornalismo. Depois, comprei uma máquina bem simples, que quase não era usada porque o filme e a revelação eram caros demais, considerando o meu poder aquisitivo na época.

O pai da minha namorada era marítimo e, no final da década de 1970, trouxe uma câmera da Rússia. Essa sim, uma câmera sofisticada em termos técnicos que acabou me dando o prazer da fotografia. Mas, ela caiu e sofreu danos irreversíveis. Demorou um bom tempo até ter recurso para comprar outra câmera de porte. Tive muitas, até que, trabalhando com o fotógrafo Ronaldo Silva Júnior, na Superintendência do Porto de Itajaí, consegui comprar seu equipamento usado, com objetiva e diversas lentes. Isso em 2008, já que no ano anterior tinha abraçado em definitivo a arte fotográfica como *hobby*, seguindo orientação médica visando amenizar estresse agudo que vinha sofrendo desde a década de 1990, quando estava à frente do Curso de Jornalismo da Univali.

A fotografia me jogava no mundo e, por isso mesmo, era terapêutica por si mesma, independentemente do resultado artístico. Fazia-me mergulhar de cabeça e intensamente nas coisas do mundo. O ato de fotografar exige que você mergulhe por inteiro e de forma incondicional. Difícil você sair para fotografar e não voltar para casa com os sapatos sujos. Muitas foram as vezes que cheguei completamente sujo e esfolado. Levei muitos tombos, subi morros, segui caminhos e trilhas no meio da mata, andei nos costões e visitei becos e rodas de mendigos. Conversei com tribos urbanas e olhei o macro e o micro à minha volta.

Nada passa despercebido ao olhar de um bom artista. Olha a paisagem e olha o pequeno inseto; atrás de uma folha ou dentro de uma flor. A fotografia, antes de tudo, nos ensina a olhar o mundo com intensidade, a valorizar tudo, o belo e o feio, o pobre e o rico, o micro e o macro. Se é um dia de chuva ou de sol, pouco importa, porque há vida na chuva e há vida no sol... e a fotografia olha para a vida.

Por isso mesmo a minha primeira mostra fotográfica recebeu o título de “Espionando as coisas do mundo”. Ela ocorreu nos corredores da Univali – campus de

Itajaí. Feita com xerox colorido. Depois, coloquei em papel fotográfico e a mostra correu todos os campi da Univali em 2007. No início de 2008 a mostra ganhou o hall de entrada do Teatro Municipal de Itajaí. Ainda em 2008, na comemoração do aniversário de Itajaí, montei a exposição “Itajaí por inteiro” e ocupei espaço destacado no Itajaí Shopping. Uma mistura de fotos dessas duas exposições participou de mostra na Biblioteca Pública Machado de Assis, inaugurando junto com o artista Jorge Schroeder, a nova galeria de artes de Balneário Camboriú. Quando lancei o livro sobre a pesca da tainha no litoral de Santa Catarina acabei promovendo uma mostra fotográfica na galeria da Câmara de Vereadores de Itajaí. Depois levei esse trabalho a muitos outros espaços públicos pelo litoral de Santa Catarina.

Agora, a ideia é projetar fotos em locais públicos com o uso de um equipamento de projeção. A primeira mostra já está pronta e é uma reedição de uma série de fotos de sofás abandonados pelas ruas da cidade...

Apesar de ter acesso a equipamento fotográfico de primeira linha, acabei me apaixonando por uma pequena câmera de bolso da Sony. Era digital, leve, prática, com bom desempenho técnico. Eduardo Gomes, do laboratório de fotografia do Curso de Jornalismo da Univali, ajudou muito a tirar bom desempenho desses equipamentos mais simples.

Com o tempo fui percebendo:

- observar a posição da luz
- escolher objetos em primeiro e segundo planos
- enquadrar de forma harmônica
- fixar a linha do horizonte
- fixar a linha do céu – skyline
- evitar fotos sujas, com objetos indesejáveis
- evitar a preguiça de buscar o melhor ângulo
- evitar corpos estranhos, sobreposição de objetos
- estabelecer proporcionalidade e perspectiva ...
- bater fotos em bom número e ser rigoroso na seleção
- perceber que nem tudo que é bonito dá uma boa foto
- conceber a foto como registro histórico
- ter muito cuidado ao fotografar pessoas, e, cuidado extremo quando há crianças

no ambiente

- fotografar exige postura física e mental
- estar sempre onde os outros não estão, pensar o que ainda não pensaram, ver o que não viram
- fotografar o mesmo objeto de forma variada
- evitar a companhia de quem não tem sensibilidade para a arte e atrapalha
- desistir de fotografar por fotografar
- lembrar que o olhar é a essência da arte
- lembrar que nenhuma opinião é tão importante a ponto de me fazer parar de fotografar
- lembrar que não precisa ir a Paris para ter uma foto especial, basta saber olhar ao redor
- evitar fazer mais do mesmo.
- aprender com os erros
- exercitar sempre o ‘meu olhar’ ... mesmo quando não estou com uma câmera em mãos
- ter coragem de se expor, de mostrar minha arte
- ser muito rigoroso na seleção final.



APRESENTANDO A MINHA ESCOLA PARA MIM MESMO

Sim, é verdade: cada pessoa tem seu olhar próprio sobre o mundo que vivencia. Espiar as coisas do mundo só é possível, verdadeiramente, a partir de seu próprio modo de olhar. Este meu modo particular de olhar o mundo respeita princípios que são agrupados no que denominei de Signophotismo. Suas ideias centrais são:

- 1 – o Signophotismo é uma escola fotográfica que cria o grande movimento universal de um homem só;
- 2 – o arcabouço teórico do Signophotismo respeita inúmeras tendências e escolas – Bauhaus, Semiótica e Gestalt – mas a elas não se submete;
- 3 – uma foto fala por si mesma. Ela tem vida própria na mente de cada pessoa. É completamente independente das intenções de autor e espectador, mas com elas dialoga;
- 4 – o domínio técnico e o uso de equipamentos devem ser relativizados pelo olhar de cada um. É o olhar, e não a técnica, que faz a fotografia receber o status de arte. A técnica, isolada do olhar, é apenas capaz de criar produtos para serem ofertados no mercado;
- 5 – toda interpretação deve ser considerada como uma possibilidade de leitura válida, porque a foto é arte e, antes de tudo, arte é a expressão da subjetividade humana;
- 6 – esta subjetividade se desencadeia nos dois sentidos: autor/leitor e leitor/autor, sem que haja hierarquia e predomínio de um sobre o outro;
- 7 – na fotografia todo signo é luz, e, luz na fotografia é contraste;
- 8 – propugna a não intervenção do artista no espaço/tempo fotografado. Compreende que o cenário não deve ser alterado e os atores não devem posar, enquanto os objetos não devem ser mexidos;
- 9 – a não intervenção física é realismo bruto na arte;
- 10 – realidade e olhar do artista formam a matéria-prima da arte fotográfica, sua essência e devir;
- 11 – o olhar não deve se submeter a regras, normas, pareceres ... Regras foram feitas para orientar, não para serem cegamente seguidas e aplicadas;
- 12 – quem conhece com profundidade o regramento estético a ponto de bem aplicá-lo se credencia, a seu bel-prazer, a não aplicá-lo. Sua negação é o caminho da liberdade e, somente na liberdade há criação verdadeira;

- 13 – cada equipamento tem seu rendimento ideal. Nesse sentido, para quem faz bom uso da tecnologia, todo equipamento é ideal, bem serve ao propósito da arte;
- 14 – toda foto é um desafio à inteligência do leitor, justamente porque, antes, foi um desafio ao autor;
- 15 – o detalhe deve ser valorizado ao máximo. Ele deve dar identidade à massa que compõe o todo;
- 16 – o foco central da foto não deve ser o todo, mas a relação entre detalhes formando a composição;
- 17 – o único compromisso ideológico da arte fotográfica é com a liberdade. Contudo, aquele que está sempre em busca do novo também perdeu sua liberdade;
- 18 – o ato fotográfico deve se constituir em um movimento ecologicamente sustentável, porque nada justifica o desprezo pela vida na sua diversidade;
- 19 – devo dar importância àquilo que não se dá importância, visibilidade ao invisível; lugar destacado à sombra; sutileza ao rude. Aceitar o impossível;
- 20 – a arte de rua, na rua, é a arte na sua dimensão mais pura e radicalmente realista;
- 21 – evitar a moda, a norma, o normal, o padrão, o tipo, o modelo, a média, o usual, o fácil, a réplica e, principalmente, o belo pelo belo... evitar o fútil e o óbvio é obrigação;
- 22 – quando estiver me sentindo plenamente satisfeito com os resultados estéticos do trabalho tenho de considerar friamente a possibilidade de refletir sobre tudo e buscar novos caminhos.
- 23 – copiar e seguir religiosamente os caminhos de outros é a certeza do fracasso artístico;
- 24 – admirar e valorizar os trabalhos de outros artistas é a preparação do meu espírito para aceitar ser admirado;
- 25 – não deixar morrer a energia que me move para o aprendizado porque nunca saberei o suficiente, sempre tenho o que aprender;
- 26 – ter consciência dos meus limites, físicos, econômicos e técnicos;
- 27 – administrar com método os obstáculos interpostos pela realidade do mundo.
- 28 – não comparar o meu trabalho com os trabalhos dos outros e com eles formar uma escala de valorização e hierarquia. Cada trabalho tem de ser único;
- 29 – pedir ajuda a quem sabe mais não é humilhação, é sabedoria.
- 30 – eu tenho de me ver como artista, olhar como artista, ser artista com alma e corpo.



COISAS QUE FALO PRA MIM QUANDO ESTOU FOTOGRAFANDO

PENSAMENTOS SOLTOS SOBRE FOTOGRAFIA

1 - A máquina Fuji estragou e a Canon com lentes cambiáveis não me fascinou. Prefiro a máquina de bolso da Sony e ando pela cidade como se fosse um turista, esperando oportunidades. Eu, meu olhar, uma pequena câmera fotográfica e a bicicleta. É a felicidade. 2011 é um ano em que a fotografia encheu meus espaços vazios. Isso é felicidade, sim!

Não adianta sair com muito equipamento por aí, ficando o tempo todo preocupado com segurança, assalto, roubo ... contudo, há circunstâncias em que sinto falta de uma lente específica e de um zoom mais potente que só a câmera profissional tem.

Certo dia, estava fotografando a lua cheia próximo ao Bico do Papagaio, na Estrada Geral de Cabeçudas, quando me apareceu o fotógrafo Marcos Porto. Ele mostrou o resultado de uma foto com a lua nascendo por detrás do Bico do Papagaio. Estava utilizando recursos de separação de primeiro e segundo planos oferecidos pela própria câmera. Uau! A lua ficou mais próxima das pedras e, portanto, maior, mais brilhante. Nunca tinha visto *in loco* algo tão perfeito. Ali, fiquei convencido que em certos momentos o equipamento tem de ser profissional. Voltei no dia seguinte com o equipamento certo para fotografar a lua cheia nascendo em Cabeçudas tendo o Bico do Papagaio como cenário.

Então é isso. A escolha de equipamento faz parte da proposta artística. Mas, para cada momento tenho de pensar o equipamento ideal.

2 – Mantenho o interesse por alguns temas que convivo no dia a dia:

- sofás abandonados – para denunciar a sociedade de consumo e perdulária
- casal de namorados – estética leve e agradável
- pessoas sozinhas – reflexão filosófica sobre a vida – solitude
- bicicleta – equilíbrio, movimento mais suave
- prédios históricos – a fotografia como documento histórico
- cenários com neblina e chuva forte – deixar a realidade menos arrogante

3 – Evito colocar nas fotos carros e motos, porque são poluentes. Sempre que posso incluo uma bicicleta que me permite uma composição naturalmente mais ecológica e

menos estressante. O trânsito é sempre algo ligeiramente neurótico, a bicicleta desmancha essa tensão do cotidiano.

4 – O tema tem muito a ver com nossa mentalidade artística. Fotografo sofás abandonados como forma de arte engajada na luta contra o desperdício do mundo moderno. O sofá é o símbolo de uma civilização: a cultura do desperdício. A ideia é levar essas fotos para dentro das escolas e debater a questão do lixo que não é lixo, é desperdício. A arte que propõe debate é a arte engajada. Esse meu engajamento é com a liberdade artística e as vidas em um sistema equilibrado e saudável.

5 – Comecei a fotografar com câmeras convencionais de filmes. Passei para as digitais e, agora, começo a perceber que os celulares dão conta do serviço igual às câmeras digitais de bolso. Não vejo mais sentido, em 2020, ter máquina digital de bolso se o celular cumpre as tarefas com perfeição. Falo isso, obviamente, porque sou um fotógrafo amador e não tenho pretensões de me profissionalizar.

6 – A arte fotográfica depende muito da oportunidade. O mundo é muito dinâmico. Eu posso passar todos os dias por um lugar e não ver ali estética suficiente para uma boa foto. Contudo, um dia qualquer, passo nesse mesmo lugar e percebo uma luz diferenciada, jogo de luz e sombra, reflexos ... ou um objeto jogado no chão ... e tiro uma foto muito interessante.

Quer dizer, fotografia é oportunidade. Quem anda pela rua tem de ter seu olhar sempre ligado, porque a oportunidade pode ser instantânea, imediata, oferecida ao olhar por míseros segundos. É como fotografar o pôr do sol, tem segundos de limite, dali não dá de passar. Tem lugares que dão fotos boas, medianas, o ano inteiro, vinte e quatro horas por dia. É o caso das praias, da igreja Matriz de Itajaí. Mas tem lugares que só te oferecem boas fotos em ocasiões especiais. Por isso, estar atento é tudo.

Muitas vezes basta guardar o local para voltar nele na ocasião certa. Eu não gosto de fotos sem o complemento especial da *skyline*. Antes de sair para fotografar abro a janela e olho o céu. Se não tem nuvens ou neblina, dependendo da proposta do dia, nem saio, porque sei que as fotos vão perder em termos estéticos e técnicos. Sol a pino nem pensar.

7 – A arte fotográfica é também uma grande aliada na preservação histórica. As pessoas deviam ter essa visão de perceber a fotografia como extensão das memórias – pessoal e coletiva. Muito do que vamos escrever depois pode depender de uma foto, porque ela estimula nossa mente na tarefa de refazer caminhos de vivências. A foto sempre terá seu valor histórico e esse sentido deve impregnar o olhar do artista fotográfico.

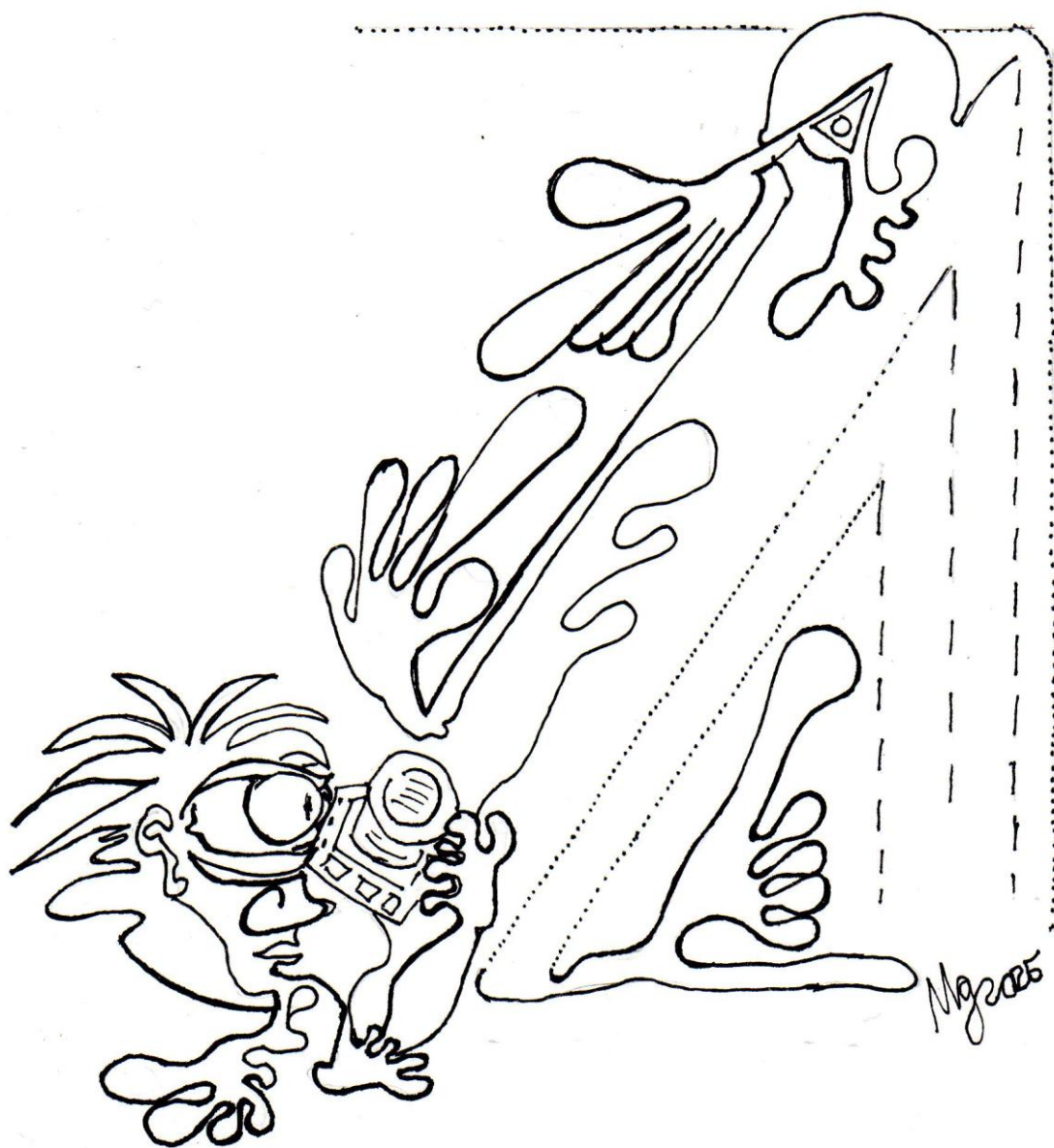
Então, quando tomo conhecimento que herdeiros queimaram ou jogaram grande quantidade de fotos de família fora considero que fizeram um atentado contra a memória de sua comunidade. Afinal, somos grupo, comunidade. Uma foto nunca é apenas a foto de uma pessoa, de uma família ... nela está retratado o espírito de época de uma comunidade, seus valores, gostos, princípios ...

Uma foto será sempre um documento e um testemunho. Muito da história de nossa gente, hoje, está guardado em caixas de sapato, em um cantinho escuro do guarda-roupas. As pessoas não percebem que aquilo não diz respeito só a elas, mais à comunidade como um todo. Uma foto é a memória comum e, como tal, tem a importância de ser depositada em arquivo público, um arquivo que guarda e preserva a memória de todos nós.

8 – Em dezembro de 2022 realizei uma exposição individual na Biblioteca Comunitária da Univali. Ela recebeu o nome de LUGARES ... e integrou a programação de evento internacional promovido pela Universidade. Foi um desafio pessoal interessante. De repente me vi na obrigação de selecionar trinta fotos entre três mil. No início descartei similares e fiquei com trezentas. Daí para a frente não há mais o que fazer, senão arbitrar critérios.

Nesse ponto eu considero importante a ajuda de um curador de artes. Ajuda na busca de sentido e unidade. No processo de escolha invade a sensação de ter deixado algo de fora, ou incluído uma foto pouco interessante. De um dia para o outro as escolhas mudam e o processo seletivo corre o risco de estar sempre voltando à estaca zero.

As pessoas que estão na mostra estão vendo apenas trinta fotos e não percebem que a mostra é realmente a ponta de um iceberg artístico volumoso. São trinta fotos retiradas de um bolo de três mil. O que escolher? Que critérios utilizar? Por melhor que se faça o serviço nos espaços entre as trinta fotos ficam escondidas as outras 2.970 fotos deixadas de lado.



9 - A primeira grande influência que tive na fotografia veio de uma reflexão filosófica que fiz de uma frase atribuída a Leon Tolstói: “*Se quiseres ser universal, começa por pintar a tua aldeia*”. Fotografar Itajaí sempre foi a minha obsessão, meu prazer, meu objetivo artístico.

A segunda influência obtive diante da tela de E.F. Schute intitulada ‘Cachoeira de Paulo Afonso’ em exposição no MASP. A tela mostra três esboços de seres humanos bem pequenos no meio das pedras de uma gigantesca queda d’água. O ser humano bem pequeno diante do gigantismo da natureza. É essa proporção entre homem e natureza que sempre busco retratar em minha arte fotográfica. É o sentido maior, por exemplo, da série fotográfica que intitulei de ‘Solitude’. Ali, retrato pessoas sós, em proporção o menor possível diante do ambiente.

A terceira influência é de Sebastião Salgado. O P&B do artista é inspirador e desafiador. É a arte de tirar água de pedra. O lado escuro do mundo tem luz, brilha para se fazer mensagem, alerta, denúncia ... para mostrar que existe, por mais que se queira esconder. Sebastião é o exemplo do artista engajado, que se compromete e leva junto sua arte. Esse engajamento de Sebastião é que me inspirou na série fotográfica ‘Sala de visita’, onde retrato sofás abandonados na rua para denunciar a prática do consumo irresponsável.

A quarta influência é uma série fotográfica que é disponibilizada nas redes sociais (Facebook e Instagram) com o nome de Street Photography. Ali, fotos maravilhosas retratam o cotidiano, o passar das pessoas no dia a dia. Mostra a beleza do comum que está à nossa frente na rua, no nosso cotidiano da vida mais comum. Sebastião Salgado pode viajar para o Quênia ou Serra Pelada para fazer fotos geniais, mas há a possibilidade de se voltar o olhar artístico para o microcosmo, para o pequeno, o singular, aquilo que está conosco o tempo todo. Eu estou em Itajaí e fotografo Itajaí. Microfísica. Olhar de mim para o que é o meu mundo, meu cosmo. Em Itajaí, misturando Bauhaus, Gestalt, Peirce, Sebastião Salgado, Tolstói e Cartier... tudo junto e misturado na mente que vê o mundo e fotografa.

A quinta e última influência vem das pessoas próximas. Artistas de peso na arte fotográfica de Itajaí, como Ronaldo da Silva Júnior, Eduardo Gomes, Marcos Porto e Alfabile Santana. Sempre acompanho todos os trabalhos desses artistas para aprender, ver novos ângulos e novos olhares sobre Itajaí. Um aprendizado contínuo e prazeroso.

10 – Como artista fotográfico troco cordialidade com o urso polar que imagino ser meu companheiro de jornada. Quando ele sai da toca eu entro nela. Isso significa dizer que o verão vem me interessando cada vez menos como fonte estimulante para agir como artista na fotografia. A luminosidade do outono é fascinante, a neblina do inverno é poética. No verão a natureza é arrogante e autoritária. Cada vez fotografo mais no outono/inverno. A luz é mais bela, suave, equilibrada. No verão vou para a caverna reverter com o urso polar amigo da minha imaginação.

11 – Em todas as áreas do conhecimento humano estamos propensos a cair em armadilhas. Na fotografia, a primeira das grandes armadilhas é perceber um cenário bonito e acreditar que ele, por ser bonito, vai nos fornecer uma foto bonita. Daí, o número de fotos medíocres que encontramos nos álbuns de família de antigamente e, nas redes sociais, nos dias atuais.

A segunda armadilha é pensar que o equipamento fotográfico é o fundamento da arte fotográfica. A pessoa investe um dinheirão comprando equipamento achando que tudo está resolvido, todos os obstáculos técnicos estão removidos na sua trajetória para o sucesso profissional.

A terceira armadilha é se obrigar a viajar para ir onde está o belo, o mais interessante, o fantástico. A pessoa fica procurando o que não sabe que está procurando e acaba ficando apenas com o óbvio, com o comum.

A quarta armadilha é ficar muito tempo estudando a técnica e a teoria fotográficas. Achar que ter o domínio acadêmico vai solucionar todos os problemas de sua arte fotográfica. A bem da verdade é aqui que se separa o fotógrafo do artista fotográfico. O fotógrafo é aquele que domina técnica e teoria, sabe tudo sobre o equipamento, montagem de estúdio, iluminação ... o artista fotográfico tem consigo o olhar. Ele olha o belo onde o fotógrafo vê apenas a fotografia. O artista vê muito além da fotografia. Isso, porque o fundamento da arte fotográfica é o olhar. O artista genial tem no olhar a chave da sua genialidade. Pouco importa o equipamento que tenha em mãos. O gênio é gênio com uma Sony de bolso. Na fotografia vale a técnica, na arte fotográfica vale o olhar.

Contudo, vale ressaltar que ‘olhar’ e ‘técnica’ não são práticas excludentes. Não há entre elas uma relação de antagonismo. Mas, também, não há entre elas uma obrigatoriedade de presença. Obviamente, o ideal é a união entre olhar e técnica. Mas, se tiver de faltar uma, que falta a técnica.



12 – A minha primeira busca é por algo que seja interessante, quanto ao tema e a estética. Quando encontro esse ‘objeto’ não paro a minha busca, muito pelo contrário, aciono rapidamente o meu olhar ampliado em busca do cenário que vai acolher aquele objeto em foco.

Em maio de 2025, estava fotografando uma procissão salesiana à luz de velas pelas ruas centrais de Itajaí. Andei um quilômetro sem tirar uma foto. Depois, analisando todo o percurso, resolvi ir na frente e escolher um bom lugar para esperar a procissão chegar. Pronto! Tinha o objeto, o foco, e, principalmente, eu tinha o cenário ideal. Mas, acontece que naquele momento que estava fotografando a procissão no cenário ideal surgiu uma oportunidade – uma criança sozinha no meio da rua, empurrando um pequeno carrinho de boneca, tendo a procissão como fundo. Os pais na procissão com velas em mãos, o padre ... formavam o cenário de fundo. Esta foi a foto de oportunidade porque um minuto depois a mãe recolheu a menina para junto do grupo. Um minuto é tudo em fotografia, porque em um minuto tudo pode se desfazer. As oportunidades estéticas podem desaparecer na mesma velocidade que surgem. Por isso, o artista tem de estar atento, com seu olhar de prontidão, preparado para o inusitado que surge do nada e vai embora no vento.

Então fica estabelecido que achado o objeto, o artista tem a obrigação de colocá-lo em um cenário adequado. Primeiro e segundo planos têm, obrigatoriamente, de possuir a mesma qualidade estética. A foto não pode ser bela pela metade ou em parte. Um belo objeto no primeiro plano pode não significar nada se o plano de fundo estiver destoante ou apresentar pouca qualidade estética. Um exemplo disso é a importância do *skyline* em fotografias de cenários amplos, abertos. Aqueles céus cinzas e uniformes, com a luz neutra gritando sobre o objeto fotografado é simplesmente horrível.

Mas, vale ressaltar que cada momento é um momento específico que tem de ser analisado na sua especificidade. Eu não gostava do céu azul uniforme, sem nuvens. Assim como não gostava de céus cinzas uniformes. Acontece que em uma viagem que fiz à Minas Gerais pude observar que o céu azul de Minas apresentava uma tonalidade pura, muito diferente. Passei a gostar daquele azul puro e a fotografar com alegria, a viagem inteira, o céu de Minas Gerais, mesmo sem nuvens. Quando busco recordações da viagem a primeira coisa que me vem à mente é o tom azul do céu das cidades históricas de Minas Gerais. Impressionante.

13 – A fotografia é luz; a arte fotográfica é olhar. Mas, esse olhar pode ser aprendido? Sim! Esse olhar pode ser aprendido e pode ser aperfeiçoado. Eu vou fotografar um ponto turístico de Itajaí, como é o caso do ‘Bico do Papagaio’. Chegando lá, tenho de ver o Bico e tudo no seu entorno, aquilo que está no cenário da foto. Então temos: o Bico, duas lixeiras, dois postes, três placas de sinalização, bancos, pessoas no mirante e passantes uma confusão total. Tem tantos objetos que a foto fica embrulhada, esteticamente suja. Nesse momento tenho a obrigação de ver que uma lixeira, com saco de lixo preto caindo pelas bordas, não é algo recomendado para compor um cenário belo. Se eu conseguir ver a lixeira e compreender que ela não pode estar na foto, ato contínuo, vou buscar outro ângulo, um outro lugar para bater a foto de modo que a lixeira não apareça ou não ganhe destaque no cenário como um todo.

Por isso, para se tirar uma boa fotografia, não se pode ter preguiça ou pressa. Achar o melhor ângulo, eliminando as impurezas, os objetos indesejados, pode demandar tempo e até se pôr em situação desconfortável física e socialmente. Algumas pessoas que não compreendem a arte fotográfica e o empenho na busca do ângulo ideal, podem achar minha postura ridícula. Mas, a esperança é que o resultado final compense sobejamente os risos dos passantes. Contudo, nem sempre é assim. Uma vez deitei no meio da pista da Interpraia, em Balneário Camboriú, para tirar fotos ao nascer do sol da minha turma de pedal. Não salvei uma foto que prestasse. Sacrifício e risco totalmente inúteis. Acontece.

Esse olhar em detectar o belo é o lado mais fácil, mais comum. O olhar de ver o pequeno objeto indesejado é mais complexo, e, por isso, demanda mais esforço e uma luta interna para sair da zona do conforto. Tirar a foto por tirar, na esperança de que ninguém vai notar o poste ou a lixeira, é aceitar por antecedência o fracasso da empreitada artística.

É claro que a maioria das pessoas não vai dar importância para o poste ou a lixeira, porque vai destacar o Bico do Papagaio e a cor do céu ao nascer do sol. Mas, nós estamos falando de arte, do culto ao belo e, também, de se ter um compromisso consigo mesmo de sempre fazer bem feito, o melhor possível. Ver os objetos indesejados que sujam o cenário ideal obriga o artista a se posicionar e se reposicionar várias vezes. Obriga-o a não se acomodar em aceitar limitações estéticas, impostas pelo ambiente. Sempre tem um jeito natural de eliminar objetos sujos e estes são sempre de movimento do fotógrafo. É busca e encontro. O esforço sempre compensa.

Acredite: sempre haverá um ângulo limpo, próximo do ideal estético desejado. Muitas vezes essa busca pode exigir que se volte outra hora, outro dia. Ter a paciência de esperar uma fila de carro passar, voltar em um horário que seja mais provável não ter carro estacionado na frente ... paciência, persistência, resiliência. Isso é necessário porque ninguém tem o ótimo sem esforço, sem determinação. Uma viagem nunca é perdida se estamos abertos ao aprendizado. Mesmo que o horário não esteja propício dá de estudar o local preparando a volta. Na segunda vez já sei por onde começar. Voltar e jogar foto fora, faz parte do culto à qualidade da arte.

14 – Basicamente para a pessoa ter um bom olhar demanda perceber o cenário como um todo e, depois, individualmente, cada objeto que o compõe. Esses objetos devem ser catalogados em desejados e indesejados. Os objetos desejados podem ser catalogados em os que merecem destaque e os que podem ficar como figurantes ou até ser eliminados. O destaque, geralmente, ganha primeiro plano. Mas, este destaque pode ser obtido por escolha de proporção, posição, contraste de luz e sombra, movimento Os objetos indesejados devem sair do cenário através da busca de novo ângulo. Não devemos intervir no cenário de forma a transformá-lo em algo artificial. É claro que podemos fechar uma lixeira ou pedir para uma pessoa sair da frente ... mas, nunca mover peças para elaborar um cenário ideal, inventando ou montando novas combinações.

O olhar tem de se habituar com o belo advindo do natural, do casual, sempre oferecido pela oportunidade. O tempo que gastamos montando um cenário ideal, devemos gastá-lo mergulhando no mundo atrás do belo que já está pronto esperando ser reconhecido por um verdadeiro artista. O belo está pronto, esperando o encontro com o gênio do artista. O olhar é esse reconhecimento, esse achamento do belo nas coisas do mundo. O resultado disso é que as pessoas vão escolher a foto mais bela mesmo não tendo domínio técnico e conhecimento teórico sobre a fotografia. A fotografia comum sempre receberá um olhar comum. Só a foto especial vai receber destaque e referência de muitos. Mas, é claro, gosto é gosto, e gosto não se discute. Porém, o que é belo canta, enquanto o feio berra.



15 – No caso específico de fotos que são tiradas visando uma exposição eu prefiro pensar elas ‘conversando’ entre si. Se tenho trinta fotografias, então tenho a intenção de vê-las compondo um todo de forma a dar uma direção comum. Geralmente esta intenção já está contida na definição do tema. Por isso, já saio de casa com algumas preferências ou orientações temáticas. Assuntos que me dizem algo, que dou valor ou importância. Mas, também trabalho com elementos fixos que independem do cenário fotografado. É o caso pela preferência de colocar nos cenários bicicletas ou evitar céus cinzas padronizados.

Geralmente quando estou fotografando prédios históricos tenho a paciência de esperar alguém passar de bicicleta e de buscar um ângulo onde não aparece carro estacionado ou passando. Tem vezes que o carro é inevitável em fotos de rua e aí não tem o que fazer. Aceita-se a realidade. Ponto. Tenho coleções temáticas que alimento por anos na minha atividade artística. São temas permanentes: bicicleta, prédios históricos, pessoas sozinhas, sofás abandonados, belezas naturais ... Por muitos anos alimento em mim o desejo de obter uma foto bonita de cada cantinho de Itajaí. O projeto foi intitulado de ‘Itajaí por inteiro’ e, não obstante já ter sido objeto de exposições no Shopping Center Itajaí e Câmara de Vereadores, nunca deixei de fotografar as localidades do interior do Município. Acontece que a cidade está em contínuo movimento e transformação.

Uma exposição não deve ser um amontoado de fotos. Perde o sentido e qualidade. A exposição é o momento que a arte precisa de organicidade. Diferente de fixar uma foto ou um quadro na parede da sala da casa. Na galeria temos um coletivo estético.

16 – Com o advento da fotografia digital e mais pra frente o aperfeiçoamento dos aparelhos celulares, a fotografia teve seu custo de produção e aquisição diminuído por mil. Antes era necessário comprar a câmera, os filmes e, depois, revelar e imprimir. Atualmente, já se tem o celular em mãos por outros objetivos, sem ter ainda o custo da revelação e impressão.

Essa nova realidade colocou a fotografia na condição de ser acessível a todas as pessoas, em tempo integral. Muitas dessas pessoas, observando o que é feito na Internet, acabam percebendo que é possível praticar a arte fotográfica. Mais e mais pessoas estão começando a se dispor a sair de casa para tirar uma foto bonita do nascer do sol e compartilhá-la com seus amigos nas redes sociais. Esses artistas novos da fotografia são fáceis de ser identificados porque, ao contrário do fotógrafo de ocasião, factual, eles

sempre colocam suas marcas na foto, seus nomes em marca d'água. Sinalizam que pretendem que aquela foto seja vista como arte ou como produto comercial que tem direito autoral envolvido. Uma foto assinada é sempre uma foto que tem a intencionalidade de fazer e perceber como uma obra de arte ou produto. Sendo assim, por conta da tecnologia digital e seu acesso ampliado a todas as classes sociais, podemos considerar que a arte fotográfica está se tornando a mais popular de nosso tempo. Muita gente está assinando suas fotos e publicando nas redes sociais onde são vistas por milhares de pessoas em escala mundial. A fotografia digital ganhou um público ilimitado e essa condição leva, obrigatoriamente, à formação de um número cada vez maior de artistas da fotografia. A fotografia é, portanto, a arte do século.

Nenhuma arte se beneficiou mais da tecnologia digital do que a arte fotográfica. Porque na música se trocou o rádio, vitrola, disco, CD e DVD por Youtube e Podcast ... mas, na fotografia, se deu acesso aos mecanismos de produção e divulgação a toda a população. Nem todos podem tocar violão, mas todos conseguem bater uma foto com seu celular e colocá-la na rede social mundial. Do uso constante e habitual de se tirar fotografia surge, por depuramento, o artista fotográfico de qualidade. A quantidade possibilita a qualidade, do fazer fotografia surgem aqueles que vão fazer arte fotográfica.

17 – Quem quer se aperfeiçoar em alguma área do conhecimento tem de ter a capacidade de ouvir outras pessoas. Aquelas reconhecidas como autoridades no assunto ou que pelo menos têm algo de interessante para mostrar. O projeto 'Itajaí por inteiro' me obriga a olhar com especial atenção todas as fotos que são publicadas na Internet, tendo como cenário o Município de Itajaí. Como já conheço cada cantinho da cidade, sempre que vejo uma foto busco identificar o ângulo e horário que ela foi tirada e se eu já tinha pensado em tirar uma foto daquele lugar, daquele jeito. Um dia vi uma foto do artista Ronaldo da Silva Júnior que me impressionou muito. Era a foto da torre da Igreja Matriz refletida em uma vidraça da Casa da Cultura. Incrível. Belíssima. A partir daí fiquei semanas observando as janelas da Casa da Cultura até que consegui tirar uma foto no mesmo estilo, porém, esteticamente diferenciada porque agreguei objetos à imagem refletida, como fungos e pequenas plantas que brotaram na parede do prédio. Mas foi Ronaldo que teve a genialidade do olhar para a janela refletindo a torre da Matriz. Aprendi com ele a buscar o inusitado em pequenos detalhes que estão longe do olhar comum e cotidiano.

Nessa história temos duas verdades absolutas: a primeira, temos de ter humildade para aprender com os outros; a segunda, é reconhecer o valor de quem nos ensina. Ronaldo me mostrou um caminho e reconhecer isso é o mínimo que posso fazer por sua arte. O aprendizado do olhar fotográfico é sempre por um caminho de duas paradas obrigatórias. Parar para ver o cenário e os objetos que o compõem; parar para ver o ângulo mais favorável e interessante. E nesses dois momentos podemos aprender muito observando as obras de outros artistas. Aprender sempre, copiar nunca.

18 – Geralmente o que é muito fácil corre do que é genial. A maioria das fotografias é comum justamente porque estas fotografias foram tiradas da maneira mais fácil que é o ângulo reto, direto. Se o objeto a ser fotografado está em linha reta com a câmera, no entendimento do fotógrafo, está concluído o serviço. O ângulo é fundamental na fotografia que tem a pretensão de se fazer arte. Buscar o ângulo ideal pode levar o artista a subir escada, prédios, torres, morros, muros ... deitar-se no chão, ir para o meio da rua entre os carros. Pagar mico, ser incompreendido até pelos próprios amigos. Mas tudo isso é necessário. Sem isso não há a menor chance de se fazer arte fotográfica de rua.

Como moro muito próximo da Igreja Matriz de Itajaí sempre vejo muita gente tirando foto dela em linha reta. Um dia fui tirar foto da romaria da Madre Paulina, numa manhã de neblina, e resolvi inventar um ângulo diferenciado. Depois de tirar centenas de fotografias por todos os ângulos possíveis resolvi tirar uma série de fotos colocando uma árvore seca, sem folhas, no primeiro plano, deixando a Igreja em um segundo plano, com a imagem prejudicada pela árvore. Gostei do resultado. No dia seguinte voltei em novo horário, com mais luminosidade e bati uma série de fotos da igreja atrás da árvore, com neblina e sem a multidão da romaria. Coloquei a foto na Internet e foi uma explosão de reproduções. Correu o mundo. Mais do que fazer sucesso na Internet, ela influenciou o olhar de outros fotógrafos. Depois de sua publicação e sucesso comecei a perceber que cada vez mais artistas começaram a mostrar obras também colocando objetos posicionados em segundo plano. Todos nós ganhamos liberdade. A liberdade de fugir do ângulo reto e do primeiro plano do objeto principal.

Nessa questão do ângulo é fundamental o artista ter o espírito de arriscar. Bater a foto sem julgamento prévio. Fazer e, depois, com calma, avaliar o resultado. Isso é possível nos dias atuais por conta do custo da fotografia digital. Bater uma foto ou cem, tanto

faz. No tempo do filme tudo isso era muito diferente, porque demandava custos altíssimos. O filme e a revelação tinham custos acessíveis a poucos.

Agora, se todo mundo está batendo foto de um determinado lugar, saiba de antemão que aquele não é o lugar preferencial para estar o artista. A maioria está tirando foto caindo na armadilha de que um lugar lindo lhe dará, obrigatoriamente, fotos bonitas. E fica tirando foto em linha reta, óbvias. O artista busca o ângulo ideal, pensa o cenário como um todo, e, analisa peça por peça de um verdadeiro quebra-cabeça que é o cenário, formando uma composição, algo que se fundamenta em uma relação harmônica entre todos os objetos enquadrados.



19 – A qualidade é fundamental quando o assunto é arte. Daí, o artista da fotografia ter a necessidade de se educar a fazer uma seleção criteriosa das suas fotos de forma a manter em seus arquivos aquilo que realmente se destaca pela qualidade. O artista que quer se destacar tem de perseguir um padrão de qualidade. Na medida que vai obtendo sucesso deverá ter o compromisso de também ir aumentando esse padrão. É assim que vai chegar à excelência.

Atualmente, de cem fotografias que produzo não chego a guardar dez. Muitas vezes saio para fotografar e não salvo uma fotografia. O céu está cinza, o fundo fica neutro e condiciona os planos de frente ... então, a solução é deletar tudo e voltar outro dia para refazer o trabalho. Simples assim. Não tem que dizer que foi um dia perdido. Não há tempo perdido quando se aprende com os próprios erros. Dependendo do caso, tirar fotografia com o céu neutro em tom cinza, padronizado, sem formato de nuvem e sem uma atmosfera de neblina ... é um erro. E, se errou, joga fora tudo e volta outro dia, quando o céu apresentar uma composição esteticamente apreciável.

20 – Estamos adentrando à Era Digital plena. Nestes novos tempos o comando tecnológico estará sob controle da I.A. Isso terá um impacto gigantesco nas artes em geral, notadamente na literatura e artes plásticas. Algumas artes devem sofrer menos esse impacto, como é o caso do teatro e da fotografia. De qualquer forma o que estamos percebendo é que o uso das tecnologias está mudando por completo nosso modo de ver e fazer fotografia. A câmera deu lugar ao celular; o celular deu lugar ao drone. A fotografia e o vídeo se aproximaram de tal forma que muitos filmam para depois tirarem uma ou duas poses da sequência. Mas, por incrível que possa parecer, o inverso também está ocorrendo. Com o uso de I.A. fotos antigas estão ganhando movimento. Fotos estáticas estão se movimentando como pequenos filmes. A partir daí tudo é possível. Tudo.

A tecnologia também está disponibilizando muitas ferramentas de manipulação de imagem. Uma imagem pode ser totalmente manipulada com o uso de um simples aplicativo disponível no celular. A foto transferida para o computador pode sofrer todo o tipo de alteração e adulteração. Muitas dessas ferramentas apenas substituem as existentes nas câmeras. Agora, no lugar do fotógrafo se preocupar com as questões técnicas ele simplesmente tira a foto e depois decide tudo no uso do computador e seus aplicativos e programas especializados em manipulação de imagem. Aquilo que antes

era feito apenas por um grupo restrito de técnicos, agora, é feito por qualquer pessoa, em questões de segundo, utilizando aplicativos em seu próprio celular.

Porque se preocupar com a linha do horizonte se depois, no computador, em segundos, o que está torto fica reto? Problemas técnicos que antes faziam parte do ambiente onde a fotografia era gerada, agora, foram transferidos para o ambiente onde a fotografia nasce de fato, no computador. A arte fotográfica até aqui ganhou muito mais do que perdeu com o desenvolvimento tecnológico. Agora, com a era da I.A. o desafio é manter a balança favorável a arte. Ela só perderá de fato se a manipulação chegar ao ponto em que não for mais possível identificar uma imagem real de uma feita por I.A. Se não for possível detectar a diferença entre o real e o ficcional, neste momento não só a arte perdeu, mas perdeu muito mais a própria humanidade. Se bem que a arte literária sempre conviveu muito bem entre o real e o ficcional, sem que isso viesse a se transformar em um problema para a humanidade e para a própria literatura. Muito pelo contrário.

A I.A. pode ajudar o artista, mas não nos fará artista. Isto está acontecendo com a literatura. Gente que nunca escreveu uma linha ou sempre escreveu muito mal, agora escreve artigos e livros com a ajuda de robôs. Na fotografia a I.A não pode ser o olhar, mas pode ser o técnico laboratorista que manipula a química da revelação e o tempo de exposição da película. E vai ser exatamente isso que vai acontecer em um primeiro momento. Depois, o futuro a Deus pertence.

21 – Quando saímos pela cidade para fotografar faz muita diferença se estamos a pé, de bicicleta ou carro. Muda o *time*, muda tudo. Porque o tempo do olhar é completamente outro. De carro fica difícil ver detalhes, algumas preciosidades, novos ângulos ... dia desses, passei uma tarde inteira andando pelas ruas da localidade Cidade Nova em busca de uma boa foto que a representasse. Tirei centenas de fotos mas, depois, descartei tudo, propondo voltar lá outro dia, passando por outras ruas, conversando com outras pessoas. Se a pé não consegui nada de interessante, se passasse de carro o resultado seria ainda pior. Pelo menos, a pé consegui ver detalhes que em outro momento podem até dar uma boa fotografia, dependendo dos objetos ali envolvidos no cenário daquele dia.



22 – Sebastião Salgado afirmou certa vez que a imagem que circula nas redes sociais não é fotografia porque ela cumpre outros objetivos. ‘A fotografia, é memória’, foi feita para o álbum, para se ter no tempo de convivência da família e da comunidade, enquanto a imagem do celular para as redes sociais na Internet não tem apego ou memória. É feita para durar um instante. Não dura, não fica, não permanece na história do coletivo. A imagem do celular para as redes é algo passageiro e instantâneo, enquanto a arte fotográfica é o registro histórico e se faz memória.

Lá na frente, essa geração digital instantânea corre o risco de não ter história, não ter memória. Uma geração inteira deletada da história da humanidade e da sua própria comunidade. A arte fotográfica, enquanto memória coletiva, cumpre essa missão social: não deixar esquecer. Ajuda nessa tarefa o fato da arte, por ter seu valor baseado no ABS (agradável/belo/sublime), ser preservada, guardada, valorizada pelo mercado, ter valor pessoal e comunitário, motivar a guarda e a conservação de arquivos públicos, museus, coleções particulares. O instantâneo do celular é apenas uma imagem. Isso, contudo, não tira a possibilidade de se usar o celular para fazer arte fotográfica. A diferença entre uma e outra está na intencionalidade. A obra de arte tem a intenção do cultivar e obter resultados dentro da lógica ABS clássica, de ser memória e de permanecer. A foto cotidiana tem a intenção de informar, mostrar o acaso do cotidiano. Assim, fica estabelecido que é a intenção e não o equipamento que faz a diferença.

Agora, o que dizer daquela pessoa que deixa todas as suas fotos apenas na memória do celular e este aparelho é roubado? O que dizer daquela pessoa que morre e os herdeiros simplesmente abandonam o seu celular em uma gaveta ou não possuem o código de acesso à sua memória? O celular perdido pode representar o extravio de milhares de fotos, como ocorria com as fotos físicas em caso de incêndio e enchente. Só que nos dias atuais o acervo fotográfico está sob controle de apenas uma pessoa que tem em mãos um aparelho eletrônico que pode dar pane a qualquer momento. A pergunta que fica é a seguinte: quem está guardando de forma sistemática essas fotos de família e da comunidade? Sem falar que as fotos enviadas pelas redes sociais possuem suas características diminuídas, o tamanho do arquivo é diminuído drasticamente com definições técnicas muito baixas. A pessoa que recebe uma imagem via WhatsApp fica com a ilusão que tem uma cópia da foto, quando na verdade a sua cópia tem uma resolução baixíssima. Uma foto de 2,9 MG é repassada pelos aplicativos com resolução de 200 K, com a foto perdendo qualidade na hora da reprodução, etc.

23 – No ano de 2024 transformei uma foto da Igreja Matriz que fez muito sucesso em exposições e na Internet, em um cartão-postal. Acontece que não consegui fazer com que o cartão circulasse. Todo meio tem seu tempo, e, o tempo do cartão já passou. Impensável fazer uma pessoa ir até a agência dos Correios, enfrentar fila e trânsito para postar um cartão com uma imagem que se pode enviar em segundos pelas redes sociais. A fotografia em cartão-postal está definitivamente fixada no passado. Tudo tem seu tempo e isso não depende da nossa vontade, por ser coisa própria do mundo. Além da dificuldade de enfrentar trânsito, fila e custo da postagem, o cartão, enquanto meio de mensagem, enfrenta a tendência de se digitalizar tudo que é imagem. O álbum de família já está digitalizado, o cartão-postal também. Tudo, portanto, conspira contra a fotografia em cartão-postal. Resta como consolo aos amantes da arte do cartão-postal perceber que muitas pessoas possuem o *hobby* do colecionismo. Coleções de cartões-postais estão sendo guardadas até por museus e arquivos históricos como objetos de memória da comunidade.

24 – Quando o céu está uniforme, cinza, não tente fotografia aberta. Será um esforço inútil, com resultado péssimo em termos técnicos. Nesses momentos foque nos detalhes. A fotografia microespacial que pode oferecer bons resultados. Ler o ambiente pela ótica estética é ter a sabedoria de desistir de fotografar quando o ambiente não está adequado. Parar, protelar, desistir ... é recomendado para quem persegue a arte fotográfica de qualidade. Em um cenário esteticamente negativo pode-se tirar cem ou mil fotos, mas todas serão ruins, porque o ambiente é ruim. Agora, se neste ambiente você abandonar a imagem aberta e se concentrar no detalhe, tudo pode se transformar a seu favor. O detalhe pode lhe fornecer o belo que o ambiente aberto está negando.

O grande macete para a boa fotografia de detalhe está no fotógrafo ficar atento, de se propor a procurar, lançar um olhar amplo sobre tudo, vendo tudo e fazendo recortes. Para se fotografar detalhe o nível de concentração tem de ser aprimorado. O detalhe exige esforço e concentração no que se está fazendo. O detalhe é garimpo, a foto aberta é colheita.



25 – Quando vou a um lugar com a determinação de tirar uma foto que o represente, se não consigo esta foto fico me perguntando por semanas ‘onde foi que errei’. Foi o que aconteceu comigo dia desse no bairro Cidade Nova em Itajaí. Andei por tudo durante horas e, no final, todas as fotos foram deletadas. Nada de nada. Um cenário urbano esteticamente frágil. Mas, não se trata apenas do fato de ser um cenário urbano sem atrações, porque bati boas fotos em cenários urbanos mais vazios esteticamente, como são os casos do Matadouro e Imaruí. Tem determinados cenários que obriga o artista a tirar água de pedra. Tem, contudo, a oportunidade de mostrar sua genialidade. Justamente onde ninguém consegue algo de razoável, tirar algo bom dali diferencia o artista. Isto me estimula a voltar diversas vezes ali. Quantas vezes for necessário, até conseguir esta foto boa. Foi assim nas localidades de São Vicente e Cordeiros. Cenários urbanos uniformes, com ruas e casas comuns, sem algo grandioso ou de valor histórico, como encontramos com facilidade no Centro; sem algo esteticamente relevante como encontramos na Praia de Cabeçudas. Tem de ser assim: não se conformar com as limitações do meio. Desistir um dia é razoável, mas determinado a voltar em outro dia, ainda mais motivado.

26 – O alinhamento é um artifício estético interessante que pode dar excelente resultado. Pensar a foto aproveitando vetores que a realidade oferece. Linhas que parecem soltas, linhas de sombras, muros, bancos, meandros de rios, troncos de árvores linhas e mais linhas estão sempre disponíveis para se estabelecer uma composição diferenciada. Colocando essas linhas naturais em alinhamento com as bordas da foto, emoldurando o objeto preferencial, sempre estabelece uma composição personalizada. A imagem fica muito agradável porque as linhas das margens da foto e as linhas da imagem ficam em consonância, em estabilidade, em harmonia. Todas as linhas e limites da foto participam ativamente da composição geral. O objeto principal está em harmonia com as linhas limites da foto. Elas não se opõem, não criam tensão, não se agriem ou se limitam, muito pelo contrário, ampliam o campo de visão. As bordas do quadro passam a fazer parte direta da composição da obra. Não é algo que finaliza, mas que integra, complementa.

27 – O oposto da harmonia do alinhamento também pode ser feito. Opor duas linhas, duas figuras geométricas podem dar à imagem uma tensão desejada. Esta composição é

mais difícil de se obter, e, também, de ficar bela. Conseguir mostrar a tensão entre linhas e figuras geométricas é uma arte difícilíssima que requer muita experiência e refinada sensibilidade estética. Bem feita, a imagem que expressa tensão entre linhas e figuras geométricas geralmente causa certo desconforto visual e intelectual ao bom espectador. Contudo, torna o uso da tensão como algo sempre provocativo, quando não agressivo. Sendo assim, o artista tem de estar preparado para possíveis críticas negativas e, até mesmo, à rejeição da obra. Quem busca aflorar sensibilidades não convencionais de seu espectador tem de se preparar para aceitar reações não convencionais, mais extremadas. Faz parte do jogo porque está brincando com fogo.

28 – Nossa visão é binocular. Isso significa dizer que temos um maior conforto visual diante de imagens horizontais, na proporção padrão 3 x 2. Toda imagem vertical na proporção 2 x 3 tira o espectador do seu conforto visual e força a sua busca por um ponto de referência. O artista visual pode usufruir dessa característica para brincar e provocar o espectador. Um recurso é estabelecer seu ponto base fora do centro da imagem. Também pode ser composta imagem fora do padrão 3 x 2, mais alongada e bem natural. Fora do padrão o filme 35 milímetros, transferido para o formato digital 3 x 2, tende a concorrer com formatos mais alongados na horizontal, expandindo o campo visual e exigindo que o espectador procure pontos para tomar consciência de toda a obra. Ela se torna mais complexa por poder abrigar mais elementos visuais de referência. A fotografia deixa de ter apenas um ponto central de referência, como chave única para a compreensão da imagem. A ideia é fugir do foco único e central, propondo que o espectador explore a obra como um todo e exercite a sua visão periférica e outras características próprias do olhar humano.

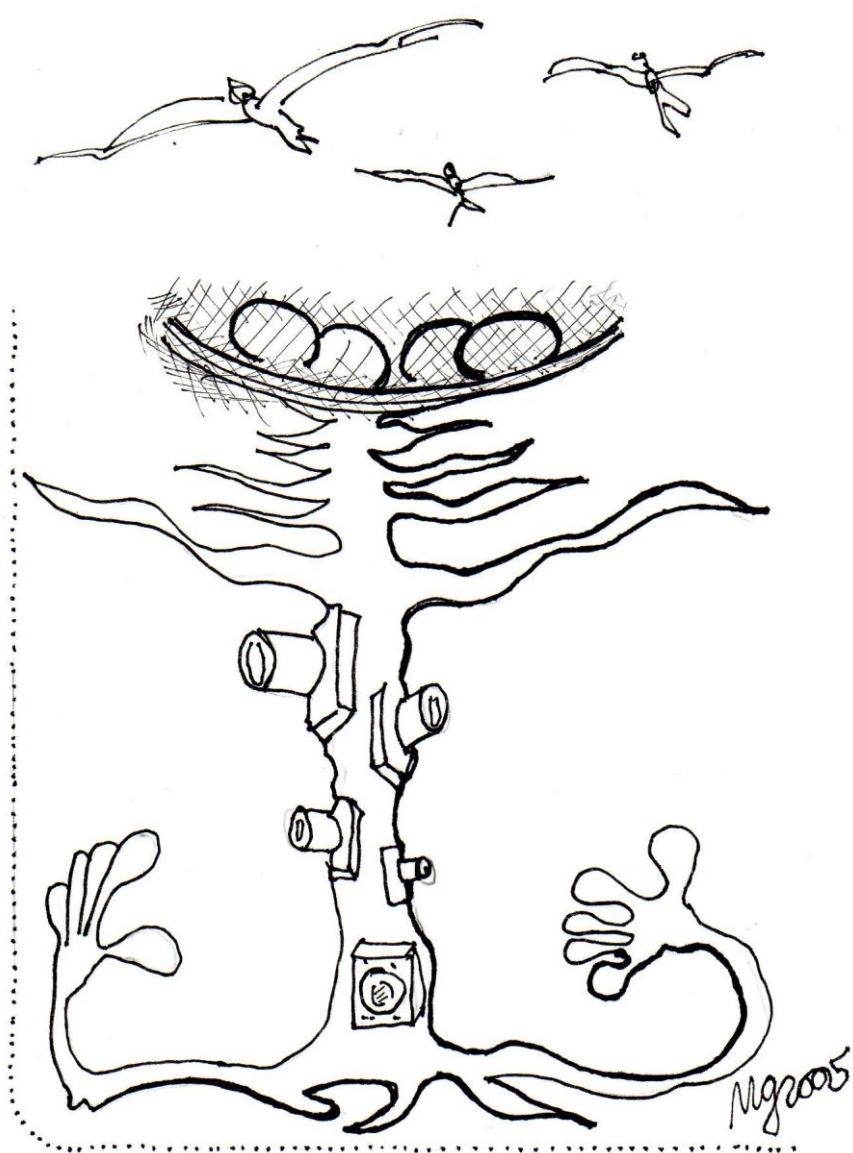
Tudo o que foi dito aqui não nega o fato óbvio que a imagem centrada e vertical tenha efetivamente muitas utilidades. A imagem pura de pessoas, o retrato ... é mais produtivo no 2 x 3 e com foco central. Não temos que inventar a roda para tirar um retrato 3 x 4, por exemplo. Quem quer dar sentido de profundidade e proporção entre elementos vai ter como recurso natural alongar a linha horizontal em detrimento da linha vertical.

A dinâmica do quadro pode ter mais resultado se o artista pensar do jeito natural e como age o olhar humano. Ele tende a escolher o ponto central da obra e viajar no sentido da esquerda superior, vindo para o centro inferior. Depois, a visão periférica complementa o trabalho de tomada de consciências da obra dando ciência dos pontos periféricos extremos. A visão é uma composição a partir da consciência gradual de todos os

elementos que estão em determinado cenário. Isso tudo, claro, feito em milésimos de segundo.

Por outro lado, o artista pode jogar, brincar, com essa mecânica do olhar natural. Basta colocar o essencial onde o espectador vai ver por último ou não dar prioridade visual. A psicologia humana pode fazer crer ao espectador que ele é muito inteligente por achar algo importante em um lugar onde não deveria estar. Ele se sente recompensado pelo seu esforço visual, sua perspicácia e tirocínio. A obra fica mais indireta, menos óbvia, mais lenta, mais reflexiva. Exige mais do espectador, muito mais. Sabendo qual é o movimento natural do olhar humano podemos colocar um objeto em determinado ponto para ganhar ou perder movimento. Para tanto basta colocar uma bicicleta em determinado ponto. Se este ponto estiver no corredor natural do olhar o veículo ganha velocidade psicológica, contudo, se o veículo estiver se opondo a esse movimento natural, ele perde velocidade, por ter vetores de tensão.

No meu entendimento, no lugar de pensar a foto vertical na proporção 2 x 3 o mais interessante é abandonar a escala tradicional e traçar uma diagonal imaginária no retângulo. Se usar essa diagonal de forma equilibrada, ela dará resultado estético muito mais interessante. Figuras em pé são verticais, paisagens comuns são horizontais. Daí, decorrer com naturalidade querer combinar o alinhamento mais longo entre figura e lado do quadro. Se colocar uma figura humana em proporção horizontal, o restante do quadro vai exigir novos objetos para anular o vazio cênico. Então, a imagem também faz as suas exigências. Há o que respeitar para muito além de uma possível tirania do artista. O ideal é que haja compatibilidade entre o que é necessário e o que é idealizado ou desejado.



29 – O quadro é sempre algo complexo que merece atenção no seu preenchimento. Os elementos não podem se acumular ou anular. Muitas vezes o excesso de elementos suja a imagem e, a sua falta, torna-a uma peça desequilibrada e desértica. Tendo um foco central, um objeto fotografável, a ideia é ambientá-lo de forma adequada, natural. Geralmente eu penso em duas etapas. Primeiro eu busco o objeto principal e, em seguida, o ambiente ideal para colocar esse objeto. Temos algo bonito que não nos dará uma foto bonita se não trabalharmos todos os elementos envolvidos na composição geral do quadro. Teremos de voltar outro dia ou esquecer aquele quadro específico caso o objeto preferencial esteja isolado em um cenário pobre em termos estético.

Outra questão decisiva é a proporção entre o objeto central e o restante do quadro utilizado como cenário. Muitas vezes uma boa foto se perde por excesso do azul do céu ou do mar. Uma desproporção é sempre algo feio e deve ser evitada. Mas, o *skyline* pode ser um elemento desejado, fazendo com que a proporção passe a ser até invertida. A *skyline* pode ser o objeto principal e o barco ou pescador passa a ser figurante, anexo, complemento. Preencher de forma adequada um quadro exige critérios de seleção. Na fotografia de rua é eliminar objetos pouco fotogênicos como postes e lixeiras. Na arte de rua um passo para frente ou para o lado pode tirar do quadro um desses elementos intrusos, sujos esteticamente. No mais, cabe também o recurso de tirar fotos com enquadramentos mais abertos para fazer o devido recorte no computador. Transfere uma preocupação para a edição. No momento da fotografia sobra mais tempo para pensar a fotografia em si. O pior de tudo é quando os objetos se acumulam um atrás do outro, fazendo um amontoado, um ajuntamento de traços e cores, trazendo a confusão visual. A limpeza visual geralmente traz o ganho estético. Limpar é melhor que acumular.

30 – Dessa questão da composição e a inclusão dos elementos vem a reflexão sobre o melhor posicionamento do fotógrafo. Mas não se trata de buscar o melhor ângulo apenas e sim de buscar o melhor ângulo para a melhor composição. Ângulo e composição são coisas inseparáveis na cabeça do artista fotográfico. Muitas vezes o posicionamento, o ângulo, diz tudo sobre a intencionalidade do artista. Estar bem posicionado é algo preponderante e criar uma expertise em se posicionar não é algo tão simples como querem deixar transparecer alguns. Saber posicionar-se requer reflexão, requer aprimorar visão total, 360 graus, prever possibilidades, projetar cenários, prever roteiros.

Como a arte requer grau sofisticado de criatividade, eu, por opção, nunca estou onde todos estão. Estas maiorias - por costume, conformismo e comodismo - preferem o posicionamento do ângulo reto, o feijão com arroz do fotojornalismo, porque ali na foto do ângulo reto o dia está ganho sem arriscar absolutamente nada. Mas, o mesmo não podemos dizer para o artista fotográfico. Uma coisa é ter o objetivo de passar uma informação sobre um fato e, outra, bem diferente, querer mostrar arte. Claro, novamente vale ressaltar, melhor se harmonizar essas duas questões. Mas, poucos se aventuram nesse caminho de buscar a arte e a informação no cotidiano da profissão.

Eu, por exemplo, evito fotografar navios de costas. A diferença entre uma foto do navio de frente e de trás é gigantesca. O melhor é sempre pegar o objeto em movimento entrando no quadro, deixando o lado mais aberto indicando o destino, o lugar para aonde ele está indo. Isso ajuda na ideia de movimento. Sabendo que um objeto em movimento ganha mais beleza sendo colocado no quadro entrando à direita e voltado para a esquerda, vou me posicionar de forma a buscar esse resultado. Então, a minha posição na Barra do Rio Itajaí é pensada, estudada, um deslocamento que prevê estudo e intencionalidade. Não basta estar em um determinado lugar, mas estar no melhor lugar para obter o melhor ângulo.

31 – De tudo o que é possível na fotografia o que menos me atrai é compor ambientes, inventar cenários, mexer e alterar imagens. Prefiro deixar tudo o mais natural possível e fazer a arte fotográfica ser a arte oferecida pelo acaso, pela oportunidade. A arte natural tem mais vida e valoriza muito mais o olhar do artista. É claro que as fotos de estúdio não estão sendo questionadas aqui. Elas estão incluídas em outra categoria. Pensar a foto interna, de estúdio, é muito diferente. Quando falo em arte fotográfica, em síntese, falo da arte de rua. Ali, o olhar deve prevalecer sobre o equipamento e a técnica. É no olhar que tudo se baseia. É a partir do olhar que tudo se estrutura. Então, não justifica mexer ou alterar o cenário. As oportunidades surgem em grande quantidade para quem está preparado para ver.

Na arte de rua, às vezes, a solução é desistir naquele momento, mas se propor a voltar em oportunidade adequada. Uma rua com muitos carros estacionados pode estar deserta no domingo. O sol a pino desce ao final da tarde. No período da manhã antes das oito circulam mais bicicletas, porque os operários estão indo para o local de trabalho. A luminosidade muda por completo durante as estações do ano, tem o tempo da florada, da ressaca do mar, do vento e das folhas caindo ... A arte de rua é antes de tudo o

resultado de uma boa observação de detalhes e leis da própria natureza. O fotógrafo respeita estas imposições e as torna aliadas de sua arte.

32 – Sair de casa com uma coleção temática na cabeça é produtivo porque o olhar já eliminou previamente um número expressivo de possibilidades. Sabendo previamente o que interessa ou não interessa sobra tempo para pensar, prever e aguardar o momento certo. Sair de casa sabendo o que se quer ou aquilo que não se quer, é muito produtivo em todos os sentidos. Mesmo porque nestes momentos vale a experiência do artista. Ele sabe, por experiência própria que determinada luminosidade do dia não serve para fotografar certo ambiente por determinado ângulo. Não se gasta tempo com a foto porque se sabe do resultado ruim, ou não adequado em termos de qualidade. Diante de um cenário previsível negativamente melhor é ficar quieto aproveitando a paisagem para um momento de solitude. Esquecer a fotografia e curtir a natureza até, quem sabe, ela oferecer um momento especial não esperado, não previsto. Porque fotografia de rua é assim, sempre tem a surpresa, sempre o não previsto, o surpreendente. A oportunidade pode surgir a qualquer momento e estar preparado para ela é o que conta. Nesse momento especial, melhor é tirar fotos rápidas e intuitivas – para se garantir o básico -, e, depois, pensar novos ângulos, explorar novas possibilidades se houver tempo para isso. Surge uma criança correndo, mudando o cenário. Aquilo dura segundos, porque os pais vêm atrás prontos para interferirem no cenário por completo, alterando a composição, sua lógica e estética. Então, é tirar a foto de ‘socadinho’, na intuição, no espírito de aventura e arrojo.

Porém, ter a coleção temática pré-estabelecida nunca deve inibir o artista diante de algo fora do seu plano que tenha valor estético digno de merecer sua atenção. Novamente, a oportunidade pode trazer de presente algo raro. Neste caso temos de aproveitar bem e com intensidade. Se dependesse de mim só bateria foto com neblina, com bicicleta e sem carro, pessoa isolada e sem multidão, cenário limpo de objetos de urbanidade, etc. Mas, eis que surge um pássaro fazendo ninho em um semáforo ... click! A seleção prévia não pode ser uma camisa-de-força, uma obrigação ou limitação ao artista. Apenas e tão-somente um exercício intelectual de economia de tempo. Também limpa a mente, deixando-a mais focada para o que efetivamente interessa.

33 – O que encontro na bicicleta que não encontro no carro? É que a bicicleta é algo instável, com o homem em equilíbrio precário. Há uma tensão entre a bicicleta, o

homem e o cenário. O carro é impositivo, dominante, fechado, pesado ... artificial. O carro parado é um objeto morto, sem vida, sem desafio, estático. Andando, é rápido e pesado, serial, comum. Daí, porque, uma vez tentei fazer uma série com fuscas, já pouco comuns a partir do ano dois mil. Um carro do passado circulando na cidade do presente. Um desafio interessante ver o fusca como o passado presente, mas não deu bom resultado estético. Ficou morno, sem vida, sem aquele algo mais que tornasse as fotografias especiais. Ter um fusca como foco é completamente diferente de ter um Nivus ou um T-Cross 2025. Esses carros novos são todos iguais, pelo menos no resultado da arte final. E, depois, no que um carro pode contribuir esteticamente com uma foto da Praça do Gonzaga? Datação histórica. Mas aí temos a fotografia como documento e testemunha histórica, não como arte em si. Por isso, tiro fotos com carros e as coloco em um outro arquivo: de fotografias históricas. São fotos datadas pelo tipo, modelo do carro. Serve muito bem para o meu trabalho como escritor e historiador. Então, vamos repensar o trabalho fotográfico que tem um objetivo definido no jornalismo, na história, na burocracia estatal e institucional, daquele com objetivo de arte. A arte quer a composição em equilíbrio, o jornalismo e a história querem a informação. Claro, novamente vale aquela velha máxima, o melhor seria compatibilizar as duas coisas em apenas uma foto. Afinal esses interesses não são antagônicos.

34 – Um bom exemplo de olhar educado, preparado para ver, é o quadro dentro de quadro. Um objeto é jogado dentro de outro objeto, realizando uma composição inédita e agradável. É o caso da janela da Casa da Cultura refletindo a torre da Igreja Matriz. Vários enquadramentos podem ser possíveis alterando por completo a imagem do ambiente, bem como as imagens da Casa da Cultura e da Igreja Matriz. Não é uma coisa nem outra, é algo inédito. Não é praça, não é casa, muito menos a igreja. É a janela refletindo parte da igreja e estabelecendo uma composição inédita.

Este é o tipo de arte que surpreende, porque não é óbvia e, por consequência, não é esperada. Muitos artistas usam esse mesmo recurso aproveitando poças de água, vidraças, janelas de trem e ônibus... reflexos. Muitos desses recursos já se tornaram óbvios, dado o volume de fotos tiradas com eles. Mas, sempre há quem faça bem feito e faz valer a sua competência técnica e artística.



35 – Falar de composição na arte fotográfica é falar no ordenamento dos elementos que integram a imagem no quadro. Os princípios básicos da composição em fotografia são: contraste e equilíbrio. Os dois também se interagem determinando qualidade à obra. Principalmente na arte digital muitos artistas exageram na manipulação das cores a ponto de perderem o ponto fundamental do contraste, aquele ponto que divide o natural do artificial. Passado esse ponto o contraste de cores grita para o espectador que há algo não natural ali compondo o quadro e, ele se sente impelido a rejeitar ou questionar a obra como um todo. O mesmo praticamente não acontece com a composição de formas, a menos que se use lentes que alteram propositadamente a angulação dos objetos, deformando tudo, como é o caso da lente olho-de-peixe. O contraste é mais visível nas cores e no jogo de sombra e luz; o equilíbrio é mais visível na forma dos objetos e a respectiva proporção entre eles. No final, composição e equilíbrio anunciam o bom gosto do artista e o nível do seu domínio técnico.

36 – Bauhaus e Gestalt podem ser dois bons exemplos de escolas que impregnaram o ambiente cultural de forma geral e irrestrita. A fotografia não ficou imune aos seus conceitos, reagiu, dando respostas e muitos questionamentos. A teoria da Bauhaus, por exemplo, está centrada no conceito de ‘contraste’ para compor e compreender uma imagem. A qualidade da iluminação, por exemplo, pode nos levar a cenários com baixo contraste. É o caso da neblina, cenários que busco sempre. Não se trata apenas de quanto de contraste temos em determinada composição, mas, muito além disso, perceber que esse baixo contraste, essa iluminação quase abortada, travada, dissimulada, traz para a arte a intuição da flexibilidade do real. Quebra a arrogância do real deixando espaço para a mente continuar sua trajetória no pensar e sentir para além das coisas cruas e absolutas do mundo real.

Então, pensando de forma inversa, o contraste por si conspira contra a realidade fria e todo o racionalismo, no seu autoritarismo modernista fabril. Tirar contraste é domar a força autoritária das coisas. A neblina faz isso de forma natural, o que nos permite utilizar a própria natureza para neutralizar sua força excessiva. É a natureza contra a natureza, compondo a arte natural. Um paradoxo muito interessante que desafia a minha intuição criadora. A mente humana diante dessa luta física, natural, se desprende e vai além. Daí o valor de fotografar ambientes com neblina. O baixo contraste natural é a

libertação da mente do espectador, e, por consequência, do próprio artista que acaba refletindo sua própria arte e os resultados por ela obtidos.

Já a Gestalt nos fornece um conjunto mais complexo de ideias acerca da imagem e da arte. Gosto de destacar a ideia, muito prática, da Lei da Continuidade ... que afirma que a mente humana tem uma tendência natural a continuar linhas e formas numa proporção infinita para além da moldura. Se bem usada, essa lei pode oferecer uma estética extraordinária por ser diferenciada em todos os sentidos. Há algo a se ver para além do quadro físico apresentado pelo artista em uma parede de galeria.

Quero crer que a fotografia pode utilizar, para o bem de sua estética, as leis da Gestalt, sem por ou tirar. Tento fazer um resumo simplificado desse conjunto de leis para ser didático. Sei do risco de se tentar simplificar algo tão extraordinariamente complexo e denso em termos de intelectualidade, mas em nome da Pedagogia é desejável se fazer:

Lei da Proximidade – a mente agrupa elementos próximos, buscando estabelecer padrões de cores ou formas, etc.

Lei da Semelhança – ver coisas semelhantes em blocos, eliminando objetos diferentes entre eles. É uma visão seletiva ...

Lei do Fechamento – a mente complementa figuras próximas abertas. Inventar uma ligação, complementa imagens possíveis.

Lei da Simplicidade – simetria, equilíbrio, simplicidade ... são os pontos que a mente busca inicialmente destacar, por isso são preferidos pelo espectador.

Lei do Destino Comum – elementos agrupados movem-se e constituem um bloco só.

Lei da Continuidade – tendência a continuar linhas como forças que movem em um sentido para fora das extremidades da obra de arte.

Lei da Segregação – para a mente perceber ela tem de ter a capacidade de ver o contraste (complementa com o que falamos da Bauhaus).

A capacidade de agrupar para dar significado, entender, compreender ... Assim, a mente tende a aglutinar para ver um todo pensado, idealizado. Nessa busca por sentido, algo obsessivo na mente humana, temos o **Princípio da Emergência**, gastando mais tempo em um ponto não bem definido, algo que desafia seu objetivo de compreender o todo. Com a **Reificação** a mente preenche, inventa, para dar forma e sentido de algo não fechado e concluído. Fecha uma figura, mesmo imaginária, abstrata. Inventar linhas, círculos, caminhos ... fecha uma imagem para dar sentido ao que está vendo. Com a

Invariância temos a capacidade de reconhecer o objeto apesar de orientação, rotação, aspecto, escala, proporção, pontos deformados, formas/cores/tamanhos e materiais diversificados. Há uma tendência a fechar, a completar ... para dar significado.

37 – Outro dia tirei uma foto na casa do meu irmão onde uma rede pendurada entre duas árvores fazia contraponto com a folha de uma palmeira no plano superior. Então a rede e a folha da palmeira desenharam traços próximos a um olho. Muitas pessoas ao verem a foto, no lugar de dizer: “isso é uma palmeira e uma rede!” afirmavam que estavam vendo um olho. Isso significa dizer que todo objeto pode nos impor um movimento pensado ou idealizado para além da coisa em si. Quando temos dois elementos correndo para pontos contrários apresentamos ao espectador uma **tensão dinâmica**. Isso significa dar ao espectador um desequilíbrio e desconforto porque ele tende a se agradar do simplificado, equilibrado, estático. Quanto mais simples, mais rápido de compreender e assimilar, dando conforto intelectual à maioria. Poucos gostam de ser desafiados e de sentir a adrenalina do desequilíbrio. Alguns procuram propositadamente, de forma espontânea e até necessária, como aquelas pessoas que procuram correr riscos extremos nos esportes de aventura. Tem gente que gosta desse desequilíbrio, desse desafio constante que produz relativa dose de *stress*. A tensão dinâmica - composta por forças em sentido opostos – traz para dentro da fotografia algo a mais do que simplesmente o todo e sua composição. ‘*O todo é muito mais do que a soma de suas partes*’ justamente porque a tensão dinâmica é algo que não está em nenhuma dessas partes. É um plus, uma complementação, uma percepção para além das partes e sua somatória e, por isso, para além do óbvio.

38 – Uma questão a ser pensada com a Gestalt diz respeito à figura e sua posição no plano. Geralmente escolhemos um objeto, alvo de nosso olhar, e o resto forma o plano sobre o qual depositamos esse objeto principal. O plano é fundamental para dar o contraste. O plano de fundo é secundário em cem por cento das fotos não artísticas. O mesmo não pode servir para a arte fotográfica, nem que se inverta todo o raciocínio. Isso ocorre porque a arte é livre de amarras teóricas e práticas. Significa dizer que o plano de fundo tem de ser pensado com a mesma intensidade que é pensado qualquer objeto alvo do quadro. Na arte, as partes apresentam valores próprios. Abandonar qualquer objeto que está no quadro – independente do plano que esteja - é aceitar perder

qualidade. Um pequeno objeto, mesmo que no segundo plano, pode causar dano imensurável ao quadro como um todo.

Por outro lado, o objeto principal pode ser jogado para o segundo plano e continuar sendo o fundamento do quadro. Isso eu fiz ao colocar uma árvore defronte da Igreja Matriz ... depois, muita gente começou a fazer imagens semelhantes. Fugiram do óbvio. Um efeito interessante é jogar a sombra no primeiro plano, dando profundidade ao segundo plano que tem muita luz. Uma janela aberta na direção da rua ... há um jogo, equilíbrio, possibilidades entre objeto-assunto e plano de fundo. Um diálogo em aberto. Figura e fundo não precisam ter uma relação estática, primária, sem tensão ... muito pelo contrário.

39 – Os teóricos que me desculpem mas é muito difícil conseguir uma foto agradável e bela a partir de figura padrão, com textura uniforme e previsível. Milhares de pássaros não valem um pássaro como figura em um bom cenário. O ‘muito’ nos dá pouco em termos de beleza. Pode ser uma foto boa, bem informativa, mas pouco bela. Alguns resolvem a baixa estética do ‘muito’ destacando um elemento, como figura, no meio de todos que ficam no segundo plano. Aí começamos a resolver o problema estético que a quantidade proporciona à fotografia. A verdade é que ‘muitos’ formam apenas padrão. Um em destaque, entre muitos, muda por completo a composição, tornando tudo mais interessante. Então, diante de um bando de milhares de pássaros, o que menos me interessa é a padronização, o volume. Tem de ter algo a mais para compor o cenário com tudo isso igual. Pode ser, por exemplo, a simetria, a formação de ângulos ...

40 – Um dos recursos mais interessantes na fotografia é a perspectiva e o ganho de profundidade. Quando conseguimos contraste, perspectiva e proporção, tudo fica mais belo no quadro. A composição é algo completo e complexo, admirável. Um modo de dar ênfase a tudo isso é colocando objetos de cor quente no fundo de cor fria. Podemos, também, ter tons claros em primeiro plano e tons escuros ao fundo. Tudo isso pode nos proporcionar movimento. Perspectiva, então, é um recurso extraordinário que merece nossa total atenção no ato fotográfico.



41 – Aquilo que conhecemos é mais fácil e simples. Logo, preferimos isso a algo desconhecido. A visão é um ato intencional. Logo, preferimos e damos mais valor àquilo que conhecemos e reconhecemos. O que detectamos com rapidez tem mais peso visual. O que é rapidamente registrado recebe mais interesse de nossa parte. O desafio é esconder esse sentido óbvio das coisas que conhecemos. Tirar o peso visual do cérebro do espectador levando-o a um desequilíbrio visual. Podemos fazer isso, por exemplo, com o baixo contraste da neblina ou com o sombreamento total do objeto. Apesar de ser um objeto conhecido o cérebro terá de afirmar isso, porque a imagem não é reta, limpa. Ela dissimula, por perder contraste, linhas, formas e cores. A fotografia deve sair do óbvio, do fácil ... caminhar em direção ao desafio. Levar o espectador para longe do conforto visual dado pela identificação de uma imagem no seu grande acervo de ‘conhecimento armazenado’.

O espectador ao tentar ancorar a imagem fotográfica tem de encontrar dificuldade de identificar no seu arquivo mental uma imagem próxima. Nesse ponto vale à pena o artista fotográfico ler um pouco sobre as ideias de David Ausubel e outras teorias sobre o processo estabelecido na mente humana para o aprendizado. Entendendo como o ser humano aprende podemos elaborar obras mais desafiadoras. Ângulos inusitados que estabelecem perspectivas diferenciadas, neblina e sombreamento ... podem nos oferecer uma composição fora do óbvio. E isso é tudo que a arte quer e precisa.

42 – O conteúdo e o tema são conceitos siameses. Difícil ter uma boa obra que fale de nada, que diga nada e a nada esteja relacionado. Mesmo que isso fosse possível, a mente humana iria dar um jeito de relacionar esse ‘nada’ com algo, para fazer sentido e ter um porquê no mundo existencial das coisas. Fazemos isso com o próprio homem e toda a humanidade nessa busca por Deus. Nosso cérebro tende a completar, a explicar, a continuar ... o vazio o fere de morte, traz dor, desequilíbrio, tensão, neurose. Lacunas são feridas em uma mente que luta desesperadamente pelo complemento. Essa função obsessiva da mente pode ser uma grande aliada para a arte que tende a desequilibrar, provocar, desestabilizar, tirar o espectador do conforto.

43 – Uma técnica bem comum é aquela que usa a Simetria Bilateral e até a Simetria Espelhada. Já vi resultados interessantes no espelhamento em poças d’água no chão, em vidraças e até em lentes de óculos. Uma rua fotografada simetricamente nos seus dois

lados e apresentando uma perspectiva harmônica pode nos oferecer imagem bela. Mas, a simetria pede simetria. Como o olhar tende à simplificação, tudo é mais rapidamente aceito se uma simetria respeitar outra simetria. A mensagem é rápida e assimilada sem questionamentos.

44 – Vários teóricos insistem na ideia central de que o artista pode ajudar ou condicionar a forma como se olha uma obra de arte. O artista teria efetivamente esse poder de direcionar o olhar do espectador? Se o ser humano mal consegue sair das leis estabelecidas pela sua própria mente, depois, das limitações e especificidades físicas do olhar, depois, das suas limitações de conhecimento, interesse ... idiossincrasia. A mente, o corpo físico, o ser ... três grandes limitações no caminho que leva ao autoral. Será que sobra espaço de manobra para o autor também influenciar no olhar do espectador?

45 – O enquadramento tem de ter sentido no olhar: de fora para dentro e de dentro para fora. Primeiro pode pegar um ponto central e ver até onde deve ir o quadro, depois, ver a panorâmica e ir em direção ao ponto central. Nesses dois movimentos o corte a ser feito geralmente não deixa nada de essencial de fora. Por questão de corte posterior, sempre faço um quadro um pouco maior do que realmente quero. Mesmo porque, muitas vezes temos de arrumar a questão da linha horizontal e isso exige tirar parte da lateral da foto. Arrumar a linha do horizonte requer sacrificar pontos na vertical. Prever essa questão técnica é fundamental na hora do enquadramento. O enquadramento tem de prever uma margem de segurança, nos dois sentidos: horizontal e vertical.

46 – Quanto mais ampla a visão, mais procuro um emolduramento. Procuro na paisagem algo inicial para as laterais, servindo de apoio visual. Muitas vezes um tronco de árvore, uma casa, um riacho ... Se coloco um tronco de árvore na lateral esquerda, faço a foto correr para a direita com naturalidade, porque o olhar vai seguir o mesmo sentido do preenchimento do quadro. O ideal é que os outros elementos respeitem este sentido inicial da esquerda para a direita. Um quadro com a árvore na lateral esquerda pede uma bicicleta ou um passante de costas indo para a direita. O contrário é possível se a bicicleta ou a pessoa estiverem longe, no fundo da imagem. Nisso entra a beleza da perspectiva e o contraste e suas leis inexoráveis.

47 – Quando sabemos onde estamos, sabemos com quais elementos contamos e em que tempo. Ao fotografar o nascer do sol na Barra do Rio Itajaí é possível contar com um veleiro, barco de pesca ou navio de grande porte entrando em direção ao Porto de Itajaí. Ali temos elementos diversos para compor o quadro: pôr-do-sol, nascer do sol, tetrápodes, barcos e navios, farolete, Morro da Vigia de Penha, rio, mar, nuvens, pássaros ... Um cenário com múltiplas possibilidades de composição. Conhecendo o local dá de escolher a hora certa, o momento certo. Os navios de grande porte, por exemplo, só entram e saem pela Barra do Rio Itajaí com maré alta. Pronto, antes de sair de casa temos de pesquisar na Internet a tábua de maré. Vamos fotografar a Barra sabendo que um navio vai entrar e outro sair. O resto é consequência desse conhecimento do local que se está fotografando. Assim, a escolha é por conta do olhar de cada um, porque o cenário é muito rico. Contudo, vale ressaltar, alguns pontos fazem a diferença em termos de estética. O navio de costas ou de frente faz muita diferença. Quanto mais de perto pior fica a imagem do navio de costas. Agora, ao longe, um navio de costas, indo embora, fica interessante visualmente se deixar mais espaço à direita, indicando destino, rota. Apesar de evitar tirar fotos de navio de costas, tudo é relativo.

48 – Às vezes temos tantos elementos esteticamente interessantes em um único cenário que fica melhor partir para o seu detalhamento. Explorar combinações específicas desses elementos. Na Barra do Rio Itajaí podemos fotografar os tetrápodes e um navio mercante; Morro da Vigia e navio; navio no mar e o nascer do sol ... combinações.

48 – Todo quadro fotográfico que se pretende arte é uma Gestalt considerando ser ela *‘... o modo particular de organização das partes individuais que entram em sua composição’* segundo nos diz Fritz Perls. A questão a ser melhor elaborada tecnicamente é se esse fechamento de composição se dá por influência mútua de autor-espectador ou cada um faz sua Gestalt de forma isolada, sem interferência direta um do outro. Também podemos considerar um ambiente complexo onde todas essas possibilidades são exequíveis. Afinal, a arte é complexa por mediar sensações entre o físico e o psíquico.

50 – A fotografia no raso do chão fala da realidade a partir da realidade. Por isso, bem poucos falam do onírico, místico, fantástico ... quem está na rua fotografando está mergulhado no mundo das coisas que são, existem fisicamente. Mas, há quem vê além

desse realismo primário e obsessivo. Fotografa a cultura, o jeito do povo, as relações, o espírito da comunidade, o ar do ambiente, o clima ... Na rua, o sonho pode reduzir-se a um corpo caído no chão, uma mão pedindo esmola, uma criança abandonada. Toda desgraça é um sonho que não deu certo. Se olhar assim em direção ao morador de rua, que é viciado em crack e álcool, nossos olhos falam de sonho. Uma arte muito difícil de expressar. Quase impossível, dada toda a sutileza e delicadeza necessária. Aí entra a influência de Sebastião Salgado no meu modo de olhar a arte fotográfica. Os garimpeiros de Serra Pelada mostram seus sonhos na lama impregnada nos corpos, no peso dos sacos de terra, na subida das escadas, no ambiente totalmente insalubre. A atmosfera de sonho é blefo e bamburro, é preto e branco.

A neblina é um elemento que introduzo muitas vezes no quadro para fechar uma composição com tom gestáltico. A suavidade de determinados tecidos e cores também podem ter o mesmo efeito. O baixo contraste é a melhor técnica a ser adotada nesses casos, onde queremos diminuir a arrogância da realidade nua e crua.

51 – “*Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia*” nos diz Leon Tolstói. Baseado nessa ideia é que elaborei a série ‘Itajaí por inteiro’. Pretendia fotografar tudo, nas diversas estações e horários diferenciados. Tem a parte de se buscar imagens bonitas, mas sobra também como legado, registro histórico. Nesses vinte anos que fotografo Itajaí regularmente considero que a cidade mudou rapidamente, de forma descomunal, desproporcional. Uma revolução urbana. O Município passou a ser urbano e vertical, não sobrando nem pastos, nem hortas, nem hortos ou jardins. Até os canteiros centrais das avenidas foram sendo retirados para abrirem espaços para os carros. Itajaí virou uma cidade para os carros e motos. Os veículos são os protagonistas de uma revolução que não se cansa e não se esgota. Então, a missão do artista fotográfico de rua é evidenciar isso em sua arte. Mostrar essa gênese de um ser vivo feito de cimento, por paradoxal que isso possa ser. A cidade está viva e a fotografia tem o dever de testemunhar essa energia vital que pulsa rumo ao desconhecido. Por isso, antes de descartar uma foto por ela não ser estética e tecnicamente aceitável, analiso se ela não é um testemunho histórico desse processo de crescimento desordenado da cidade. O ideal é sempre conciliar tudo que é importante: arte, história, sentimento ...



52 – Ao longo dos meus cinquenta anos de jornalismo eu sempre me espantei com os fotógrafos profissionais que não desenvolveram o gosto pela arte fotográfica. Profissionais que chamávamos de retratistas. Aqueles que fazem o feijão com arroz, o básico, fotos em linha reta. Mesmo que o jornalismo exigisse desses profissionais que as fotos fossem direcionadas ao conteúdo, à informação direta, o uso cotidiano da câmera poderia muito bem infiltrar no espírito dessa gente um gostinho pela liberdade artística. Mas isso aconteceu muito pouco no ambiente jornalístico que trabalhei. Muitos ficam batendo fotografia do mesmo jeito que um amanuense carimba seus papéis burocráticos dia após dia.

Mas temos algumas boas exceções. É o caso de Ronaldo da Silva Júnior. Ele deu um passo interessante utilizando suas fotos para ilustrar diversos livros de amigos e até mesmo de assinar livros fotográficos com artistas. O livro ‘Carpintaria das ribeiras’, por exemplo, é um livro de arte fotográfica muito interessante que assinou junto com Antônio Carlos Cunha e Antônio Carlos Floriano. Uma contribuição à arte fotográfica em Itajaí. O primeiro livro de poesias que publiquei (Cotidianas) tem capa e ilustrações de Ronaldo Silva Júnior. O meu mais recente livro de poesias (Saudades) tem capa e ilustrações de Alfabile Santana – um artista fotográfico de Itajaí que ganhou notoriedade internacional. Ronaldo foi forjado pelo fotojornalismo, Alfabile já nasceu como profissional na arte fotográfica.

53 – Vejo mais artistas fotográficos trabalhando com o P&B que o colorido. Eu sempre optei mais pelo colorido por ser fiel à ideia de interferir o menos possível em tudo. Querendo ou não querendo o P&B é um contraste simples, primário, quase antinatural. Afinal, a vida é colorida e fazê-la em P&B é uma forma de dizer. Toda foto P&B é denúncia ou anúncio, é arte engajada. O contraste do P&B simplifica tudo a ponto de deixar a visão humana confortável ao extremo. É uma possibilidade estética interessante que não deve ser descartada. Mas, não considero uma exigência em termos de estética. É possível fazer arte de boa qualidade no uso das duas opções: P&B e colorido.

Qualquer dia desse vou fazer uma exposição colocando lado a lado a mesma foto em P&B e colorida para ver a reação do público. Quero crer que o pessoal mais ligado ao experimento artístico vai optar pelas fotos em P&B, e, o restante, menos afeto à arte, vai se apegar ao realismo das cores. Mas, isso é uma hipótese. Está feito o desafio. É claro

que a fotografia de rua foi feita para o P&B. Parece contraditório, mas fica mais natural. A foto colorida, na rua, parece excesso e vulgaridade. Comum demais para valer arte. Por isso, compreendo que está chegando o momento que terei de enfrentar esse dilema. Se quero fazer arte de rua de qualidade terei de migrar para o P&B?

54 – Se por um lado muitos repórteres-fotográficos não têm o espírito alcançado pela arte, outros sem qualquer talento usam a fotografia para fazerem experimentos e peças de péssima qualidade que pretendem colocar no mercado como peça de arte. Vejo muito isso em Itajaí nas paredes dos restaurantes mais populares. Fotografias bobas, em linha reta, decorando paredes com fotos temáticas da paisagem itajaiense. Uma tristeza. Pobreza total de espírito por parte de quem fez e de quem comprou e expos. Parte dessa gente se junta, formando grupelhos que unificam discursos, que servem de pretexto para qualquer coisa – um grupo que se potencializa e se credencia. Bate palmas para si mesmo. Um membro do grupo recebendo palmas do próprio grupo e vice-versa. Tem muita obra de péssima qualidade utilizando a fotografia como corpo. O corpo é fotográfico, o espírito não! Aquilo que não serve para ser memória (pessoal ou comunitária) não é arte fotográfica – lembrando Sebastião Salgado.

55 – A ‘síndrome do consultório’ médico tem tomado conta da cidade. Coloca-se qualquer coisa nas paredes para não deixá-las vazias. O normal é colocar fotocópias de imagens abstratas, concretistas, vanguardistas, modernistas nada de nada em termos de valor artístico. Cópia. Um atentado à arte. Gente rica que não tem o mínimo do refinamento cultural. Vai à Paris e não visita o Louvre, vai à Nova York e não visita o Metropolitan Museum of Art. Cultura de *shopping center*. Os consultórios médicos acabam economizando naquilo que pode dar qualidade ao ambiente coletivo, melhorar o desempenho funcional dos seus profissionais e o bem-estar dos clientes. Não deixa de ser mesquinho encher as paredes com fotocópias de obras anônimas, sem qualquer identidade com o próprio ambiente. Os designers de interiores são os grandes responsáveis por essa doença cultural crônica.

Por isso, fico feliz quando vem os arquitetos com as fotos decorativas do ‘antes e depois’, colocando na moldura uma foto antiga em P&B e outra ao lado colorida, numa comparação visual entre passado e presente. Pelo menos tem um pouco de arte e de história fazendo com que as pessoas até parem para observar e comentar, trocar impressões e memórias. Fotos lado-a-lado, ou entrecortadas, da Rua Hercílio Luz das

décadas de 1930 e 1970 não deixam de ser visualmente interessantes. Uma curiosidade que nos propicia a fotografia enquanto objeto de memória.

A verdade é que o fundo do poço não existe, sempre tem como cavar um pouquinho mais quando a força motriz é a ignorância humana. Sempre tem como fazer um puxadinho mais para baixo. E em alguns consultórios temos ambientes sem arte, e até sem fotocópias, onde impera a TV. Para puxar ainda mais para baixo a TV fica sintonizada em programas populistas rasteiros que mostram a violência cotidiana nas grandes metrópoles. Programas tipo ‘Bandido bom é bandido morto’. Contudo, tenho observado que nos últimos tempos poucas pessoas olham para a TV, preferindo acompanhar algo pelos seus celulares. Se ninguém vê televisão, ninguém também conversa. É como se a pessoa estivesse em uma cápsula, isolada do resto do mundo. Agora, diante desse cenário também cabe o questionamento sobre o papel da arte de qualidade. Vale o investimento? O celular está tirando do ambiente coletivo a televisão, a conversa, a arte. O olhar humano está voltado para a palma de sua mão. A humanidade está ficando corcunda, pelo menos culturalmente.

56 – A preguiça de sair do lugar mata o artista e a arte. Determinados fotógrafos caminham todos os dias de manhã pelas mesmas ruas, indo aos mesmos lugares sempre. O nascer do sol deixa tudo muito lindo e eles tiram fotos dia após dia dessa beleza. Será sempre mais do mesmo, porque eles caminham e sequer param para pensar em um melhor ângulo ou enquadramento. No final do dia voltam ao mesmo lugar, geralmente perto de casa, para tirar fotos do pôr do sol. Mudam o horário, mas não mudam a postura e não mudam o olhar. É óbvio que eventualmente teremos entre essas milhares de fotos uma ou outra foto boa em termos estéticos. Mas, isso ocorre mais por probabilidade e sorte do que por consciência artística.

57 – Sair para a rua é um exercício de imersão no mundo. Dependendo do lugar que se vai é melhor estar em grupo ou com outra pessoa que também fotografa. Uma questão de segurança. Isso pode valer para lugares ermos no meio do mato ou em lugares urbanos com histórico de conflitos sociais acentuados por questões como narcotráfico e invasão de terra. Contudo, nada é pior do que estar em companhia de quem não está no espírito da empreitada. Não está interessada em fotografar, não vê nada interessante, está ali por obrigação. Pode piorar, apressando e querendo estar em outro lugar, ir

embora dali justamente quando o momento ideal chegou. Pressão vinda da companhia é *stress* e tem de ser evitado.

Por outro lado, quando estamos em boa companhia temos a possibilidade de trocar ideias, mostrar quadros e estudar ângulos. Estudar em parceria o ambiente é muito enriquecedor porque pode-se ver mais, explorar mais. Sem falar que há uma sensação de segurança maior que ajuda a descontrair e relaxar. A boa companhia pode melhorar o ambiente de trabalho.

58 – Nunca participei de um concurso de fotografia. Contudo, acho interessante ter esses concursos porque eles podem indicar quem, entre tantos, tem a mínima pretensão em fazer arte fotográfica. Se bem que tenho minhas dúvidas sobre a eficácia dos mesmos para revelar novos talentos. Milhares de vencedores de concursos de poesia, artes visuais, fotografia ... receberam o prêmio e voltaram ao anonimato com total naturalidade. Nas escolas temos desses exemplos à exaustão com concursos de poesia, crônica, declamação, fotografia, redação, desenho ... Apesar dos pesares, se eu tivesse de decidir entre fazer ou não fazer determinado concurso, com certeza, decidiria por fazê-lo. Isso significa dar uma oportunidade à arte. Considero que não devemos descartar uma oportunidade em um universo tão pobre de iniciativas como é o nosso.

59 – Gostaria muito de tirar mais fotos de crianças em ambientes de rua. Elas sempre dão leveza ao quadro como um todo. Contudo, os problemas com esse tipo de fotografia se acumulam. Primeiro a exposição da imagem não autorizada. Segundo, e, mais grave, os pais podem pensar se tratar de um ‘tarado’ tendo reações defensivas e agressivas, com certa razão, já que estão protegendo a imagem da criança em mundo que está cada vez mais difícil de lidar com essa questão da exploração da imagem infantil e a pornografia.

Dia desse deletei todas as fotos do meu arquivo onde apareciam diretamente os rostos de crianças e que não tinha autorização por escrito dos pais. Mesmo aquelas conhecidas na vizinhança ou parentesco. É um risco desnecessário. Por isso, tenho a tendência crescente de tirar o tema ‘criança’ da minha pauta. Melhor prevenir que remediar. Nem precisa dizer que nenhuma imagem dessas tinha como ponto de referência algum gesto ou posição comprometedor em termos morais. Mesmo assim, imagem é imagem. Melhor deletar. Em se tratando de pessoa, passei a priorizar o contraste e a proporção de forma a colocar uma pessoa no cenário sem que ela seja identificada, tenha

identidade própria e CPF. Um corpo no cenário, um passante, um ser em postura de solitude ... nunca um rosto.

60 – Sair de casa para fotografar é uma postura diante do mundo. Uma filosofia sendo praticada. É muito diferente você ‘sair para fotografar’ e estar na rua ocasionalmente e fotografar. Há uma energia especial no ato de procurar, desejar, ir em busca de ... porque ali está atuando o espírito da arte. Quando a pessoa está ocasionalmente na rua ela cumpre um itinerário com determinado objetivo útil, como é o caso de comprar um sapato. Nesse caso a figura central que está no pensamento e no olhar da pessoa é o sapato, tendo no cenário a rua e a loja de calçados. Então, é muito diferente quando saímos para fotografar, porque não temos esse foco único estabelecido, nem um cenário próprio já formado. Tudo é possível. O cenário é algo que deve ser pensado no caminhar, ser estudado, observado, testado. Há muita energia em cada quadro, uma busca que se alicerça na arte. Todo fotógrafo iniciante deveria ter a iniciativa de sair de casa exclusivamente para fotografar. Enquanto ele não fizer isso, não terá como dizer que faz arte ou quer fazer arte. A imersão consciente é diferente da imersão ocasional. Há um ambiente diferenciado. Tudo se apresenta ao artista em um tempo diferenciado, porque esse será o tempo de fotografar e não de comprar um sapato. Sair para fotografar é não se sentir roubando o tempo de outra atividade. Não se sentir pressionado, oprimido, porque não deveria estar perdendo tempo com aquilo que não está diretamente vinculado ao seu objetivo ao sair de casa.

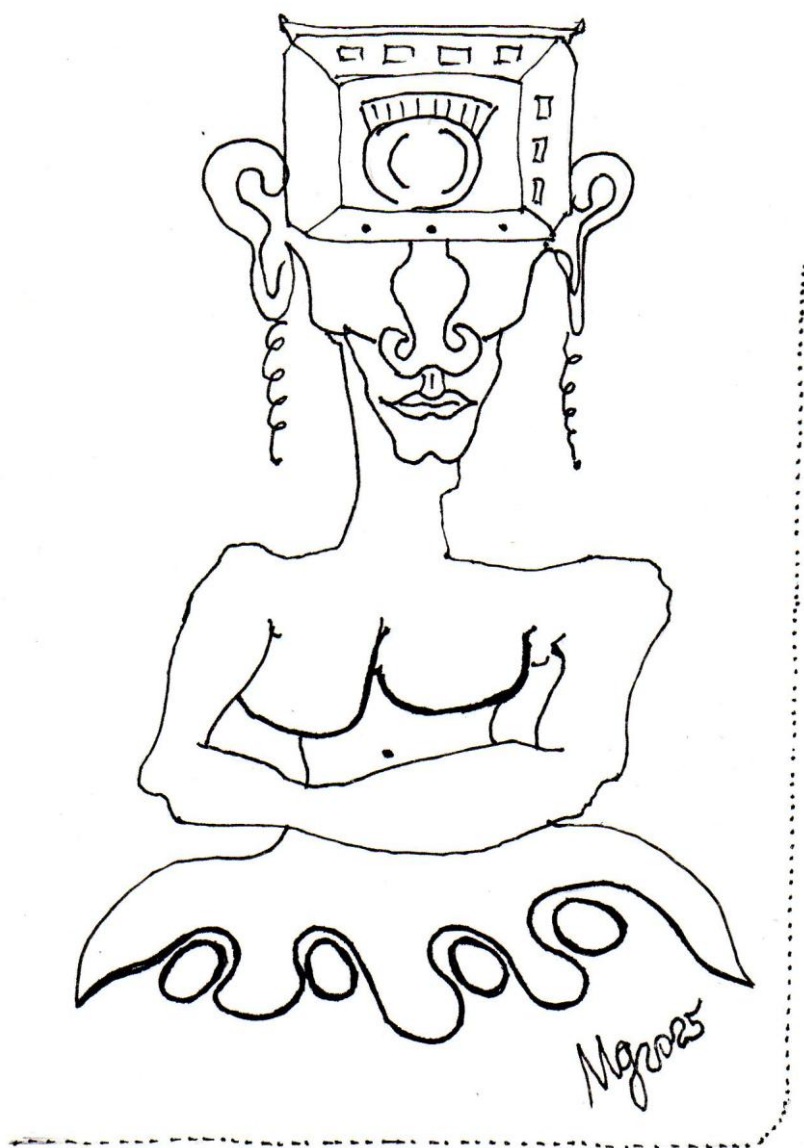
61 – Grandes teóricos e bons professores quase nunca chegam a ser grandes e bons artistas. De todos os professores de Língua Portuguesa que tive na vida apenas a professora Rosa de Lourdes Vieira e Silva se firmou no cenário itajaiense como uma grande escritora. Mas esse *status* ela receberia sendo ou não sendo professora de Português, já que escreve desde a juventude. A maioria absoluta nunca escreveu uma linha. Domina a Língua Portuguesa mas não tem a inspiração da arte para utilizá-la com autoria. Acho que estas pessoas carregam o peso da teoria, das regras, da ortodoxia, da obrigação de não errar e de não arriscar. Saber todas as teorias, leis e regramento é uma muralha de obstáculos interposto na caminhada da arte. Deixa a imaginação e a criatividade engessadas. O que me faz pensar assim é lembrar do professor Pedro Ghislandi. Um homem muito culto que tinha total domínio teórico e prático da Língua Portuguesa. Lia regularmente, sendo considerado um dos principais frequentadores da

Biblioteca Pública de Itajaí, depois que se aposentou da lida escolar. Mesmo assim não escreveu uma linha. Lia apaixonadamente, mas não teve o espírito tocado para compor uma obra autoral. É difícil compreender o que acontece com a mente de uma pessoa assim. Sabe tudo e sabe ensinar, mas não tem a pretensão de ser autor.

O mesmo acontece na fotografia. Muitos professores dominam o campo teórico e até são capazes de reproduzirem os exemplos mais complexos que encontramos nos livros acadêmicos, mas não possuem trabalhos autorais de relevância. Estudam e praticam muito, mas não conseguem adentrar o campo autoral. Aí, aparece um jovem autodidata que toma a iniciativa de fotografar, mesmo tendo pouco domínio técnico, e acaba fazendo sucesso internacional. Um jovem que passa na frente do campus universitário, onde temos cursos de fotografia, design, jornalismo; dezenas de professores, uma biblioteca com os melhores livros do mercado ... e sai pela rua fotografando, aprendendo a lidar com o computador e seus aplicativos de tratamento de imagem, tudo por conta própria. Não dá de entender como esse mundo é estranho e contraditório. Como o jovem autodidata consegue a fama e a projeção internacional que os professores acadêmicos nem chegam perto?

A carga teórica seria tão pesada para a mente humana que rouba espaço da criatividade e da arte autoral? Seria por isso que muitas teorias foram elaboradas a partir da observação de obras feitas por quem não tinha consciência exata de que estava transgredindo? Primeiro se faz a obra, depois, se explica essa obra genial com uma bem elaborada teoria? Não foi isso que ocorreu com Karl Marx, o método de análise de conjuntura e o livro ‘O 18 brumário de Luís Bonaparte’; com Adam Smith com seu ‘A riqueza das nações’? Seus leitores não fizeram muito mais teoria do que os próprios escritores? Chegaram a incluir na obra de Nicolau Maquiavel uma frase memorável que ele simplesmente não escreveu: ‘Os fins justificam os meios’.

O que se observa é que a genialidade tem a necessidade de ser explicada pelos outros, mesmo que ela seja intuitiva e natural para o gênio criador. Quantas vezes nos deparamos diante de excelentes artistas que não leram uma linha sobre estética e teoria da arte? Quantos autodidas surgem regularmente a nossa frente para nos surpreender com um dom que desdenha do arcabouço teórico dos críticos e teóricos acadêmicos ... Essa gente ri da lógica do mundo.



62 – Com a I.A. – Inteligência Artificial – ao alcance de todos os proprietários de celulares, a partir do ano 2024, caiu a última arte puramente realista. O realismo que tínhamos era tal, a ponto de Roland Barthes nos fazer, por um tempo, refletir sobre ‘isso existiu’. Era uma máxima no jornalismo ‘uma foto, um fato’. Mas esse mundo do fato/foto ruiu porque tudo pode ser completamente manipulado, distorcido, recriado, inventado e o mundo do fato/foto passou a ser o mundo do fato/foto/fake. A imagem, agora, é uma suposição do real. O homem se vê sozinho no mundo na luta inglória pela verdade dos fatos – o real. A fotografia foi por um longo tempo sua grande aliada. Não obstante as grosseiras manipulações feitas pelos regimes totalitários, já na década de 1970, a fotografia tinha o *status* de um objeto real, testemunha inquestionável do mundo. Fotografia era sinônimo de verdade.

Mas, a I.A. desfez essa convicção da maioria em poucos meses, com aplicativos postos às mãos do público consumidor de celular. A I.A. faz uma imagem estática se movimentar, uma foto virar desenho, um sofá virar cavalo ... o real se desfez no ar e junto, nesses desfazimentos dentro do celular, a convicção pública de que uma foto corresponde a um fato. Vamos conviver por um bom tempo no mundo da mentira, da manipulação, da imagem talvez, nunca mais sairemos dele. Entramos novamente na ‘caverna’ de Platão. Por isso mesmo, quero crer, que Platão e Kant emergirão novamente das profundezas da Filosofia, sairão das estantes das bibliotecas e dos sebos para as mesas das universidades e grupos de estudo. Quem já teve a oportunidade de ler Kant - diante da dificuldade de sua obra esse número é muito reduzido - não tem qualquer dificuldade em perceber o que está acontecendo com a mente humana, um dilema contemporâneo inteligível.

63 – Cartier-Bresson nos fala do ‘movimento decisivo’ e/ou de ‘imagem em fuga’. É aquele momento que temos a composição ideal, gestáltica. Nesse momento é apertar o botão e fotografar mais e pensar menos. Um segundo depois e tudo pode estar desfeito. É agora ou nunca. Por isso é importante o artista ter o domínio técnico total, porque pode fazer de forma natural sem precisar refletir ao longo de um tempo o que exatamente vai fazer. O domínio técnico supõe alguns movimentos naturais com alto desempenho.

O mundo está em movimento e não posa pra ninguém. Ele segue seu fluxo inexorável e eterno, custe o que custar, doa a quem doer. O sol não vai parar porque um homem está

com a câmera fotográfica em mãos. Então, se o artista prevê a composição ideal, tem de ajustar seu tempo ao tempo da natureza e do objeto a ser fotografado. Concentração total, mais ação e menos filosofia. O pensar é antes, na idealização da composição desejada. Prevista sua realização é o dedo e o olhar que têm de ser acionados com prioridade.

64 – Kevin Lynch escreveu no livro ‘A imagem da cidade’, em 1959, que ‘*Nenhuma cidade ... maior que um vilarejo é consistente em termos de beleza, ainda que algumas delas contenham um certo número de fragmentos agradáveis.*’ A verdade é que nossas cidades cresceram em demasia, ficaram disformes, como monstros marinhos com tentáculos que se automutilam. Um estranhamento das partes em relação ao todo. A fotografia de rua vive nessa contrariedade das partes da cidade e, por isso, muito da arte de rua se realiza no detalhe, no isolamento das partes. A cidade grande como um todo é um caos estético, uma impossibilidade artística.

Buscar ‘fragmentos agradáveis’ no meio do caos urbano é o fundamento do artista fotográfico de rua. Tem de ter olhar de garimpeiro, buscar diamantes entre toneladas de pedra bruta. A cidade pode ser feia no seu todo caótico, mas tem suas belezas encrustadas como pepitas. Mas, tem de aprender a olhar para vê-las. O artista tem de educar o seu olhar, tem de ficar perito, *expert* .. ver o que os outros não conseguem ver ou imaginar.

Mas Itajaí não está grande o suficiente para eu me sentir perdido em qualquer de sua parte. Sei onde estou de norte a sul, de leste a oeste, e, isso me dá uma certa tranquilidade em estar na rua. Contudo, isso não evita certos estranhamentos, como o movimento acentuado de carro, o comércio nos bairros, as festas populares com multidão ... A cidade que vivo não é mais a cidade em que nasci. Multiplicou seis vezes de tamanho em cinquenta anos. Já não dá mais de saber o nome de todos os vizinhos, até porque as pessoas mudam de casa com muita frequência. Não tem mais na sua rua a casa da ‘família tal’ que conhecíamos todos os membros pelos nomes e parentescos. Essa família que formava uma ‘vila do repolho’ (todo mundo morando junto por gerações) também se espalhou pelo mundo ajudando a transformar em caóticos outros espaços em outras cidades. Somos todos migrantes e o caminhar da massa possibilita o caos urbano cotidiano.

Logo ali na frente, talvez já em 2030, os municípios da Foz do Rio Itajaí (AMFRI) somarão um milhão de habitantes. Algo impensável até bem pouco tempo atrás. Isso

demanda mudanças. Uma mudança na geografia social impondo mudanças em todos os níveis, em todos os setores, incluindo a atividade artística e a estética pública, coletiva. Não é por acaso que os grandes murais nas fachadas dos edifícios e nos muros de arrimo das obras públicas gigantesca estão virando moda. Fica cada vez mais comum passar por esses grandes murais nos caminhos cotidianos das nossas cidades. A cidade está exigindo ser colorida porque está cansada de vestir o uniforme cinza da modernidade do concreto-armado.

65 – O que sei sobre fotografia é muito pouco. Aliás, no mundo de hoje, quem chega ao pós-doutorado ainda assim sabe pouco. O volume de conhecimento produzido é astronômico. Tem mais, a velocidade também é extraordinária. Tudo fica obsoleto em questões de dias - daí o estranhamento quando falo de Kant e Platão. Então, a proposta é estudar, aprender a aprender com outros, mas sem ficar obsessivo, querendo ser o fotógrafo mais atualizado do mundo. Outro ponto importante diz respeito às atualizações de equipamentos, programas e aplicativos. Os aplicativos já nascem com data de vencimento. São como as lâmpadas e suas vidas úteis estabelecidas por horas de duração dos filamentos incandescentes. A reposição e a atualização passaram a ser um grande negócio. Se antes a empresa tinha orgulho de fazer um produto que ‘durava para sempre’, agora, descaradamente, todos os produtos são feitos para durarem menos, cada vez menos. Acabou a Era Brastemp e a Era Fusca. Agora, dois anos é muito tempo.

No meu caso específico migrei facilmente do filme para a fotografia digital; da câmera para o celular. Sem trauma, sem grandes conflitos, porque nunca fui daqueles de ficar estudando as questões técnicas do equipamento. Na medida do possível, sempre optei por câmeras simples. Agora, usar drones e I.A. é outra viagem. Muda tudo na sua percepção artística. O drone facilitou a vida de muita gente para captação de imagens abertas. Mas, vi bem pouco, até agora, em termos de ganho de qualidade estética. Se compararmos as fotos aéreas feitas na década de 1920 com as atuais feitas com drone, vamos constatar o óbvio: manda o olhar, mais do que a tecnologia. Por isso, ainda acredito que subir em um mirante, no caso de Itajaí, é mais do que o suficiente para um artista amador.

66 – Quem leu tudo o que até aqui escrevi deve ter concordado com muito pouco e, até pode ter se revoltado com algumas ideias que passaram pela minha cabeça de fotógrafo amador. Mas, foi o que pensei e escrevi, sem compromisso com escolas e teorias

consolidadas no mundo acadêmico. Acho tudo válido: o aporte teórico dos estudiosos e a rebeldia técnica dos amadores. Os acadêmicos consolidam saberes; os amadores inventam novos caminhos. Lá na frente eles se encontram em uma nova teoria ou escola. Mas, sempre haverá quem invente caminhos e disso vive o espírito original da arte. Marx, Gramsci, Tolstói, Ausubel, Freud, Rousseau, Kant, Spinoza, Nietzsche ... foram grandes porque, no momento certo, saíram do caminho reto – ortodoxia – e buscaram explorar um desvio, uma nova trilha. Ninguém se torna genial seguindo rigidamente outro gênio, porque será apenas mais um, ou cópia, repetição do mesmo. Lá no início temos o exemplo de Aristóteles buscando novas trilhas ao abandonar o caminho firmado pelo mestre Platão. A rebeldia é possível e necessária.

Uma hora Platão foi além de Sócrates, e, Aristóteles foi além de Platão. Ter uma referência – uma pessoa, escola, teoria – é interessante. Mas, tem de se estabelecer um limite. E esse limite está naquele ponto em que se está pronto para a obra autoral. Esse momento é o ‘pulo do gato’ do artista. É aí, exatamente, que ele nasce de verdade para a arte. O problema é ter coragem de se dar o pulo autoral. Assumir seu jeito, sua estética. Muita gente boa fica no meio do caminho por medo de sair do trilho, de pular, de assumir o autoral, sua marca artística própria. Na fotografia esse processo é muito mais complexo, porque a marca autoral é tênue, muitas vezes quase imperceptível. Algo sensível, delicado ... um detalhe que se faz presente no decorrer da caminhada artística. Não é à toa que muitas pessoas me perguntam porque aparecem tantas bicicletas nas minhas fotos. Sem saber, essas pessoas detectaram uma marca autoral da minha arte. Essas ‘marcas’ formam um conjunto estético que estabelece o autoral enquanto estilo. Pequenas marcas que vão compondo uma obra autoral gestáltica por excelência.

67 – Eu não odeio dinheiro e acho ele um mal necessário. A sua falta pode ser trágica e desumana. O que falei até aqui é sobre arte e a atividade artística enquanto lazer, essência, inspiração do espírito humano. Algo a ser visto para além de objeto, produto, mercadoria. Falo da arte como algo que complementa e realiza a vida em toda sua plenitude. Transformar a arte apenas em produto é algo rasteiro. O artista pega um quadro e troca por dez mil reais. Depois, compra um celular com esse dinheiro, vai a um restaurante, enche o tanque do carro, passa no supermercado ... e no final do dia não tem o quadro e não tem o dinheiro, leva para casa coisas ... coisas que o mantêm vivo. Eis alguém que pensa em sobreviver. Aqui vale a frase pontual do poeta Ferreira Gullar: *‘A arte existe porque a vida não basta’*. Ela complementa a frase histórica recomposta pelo

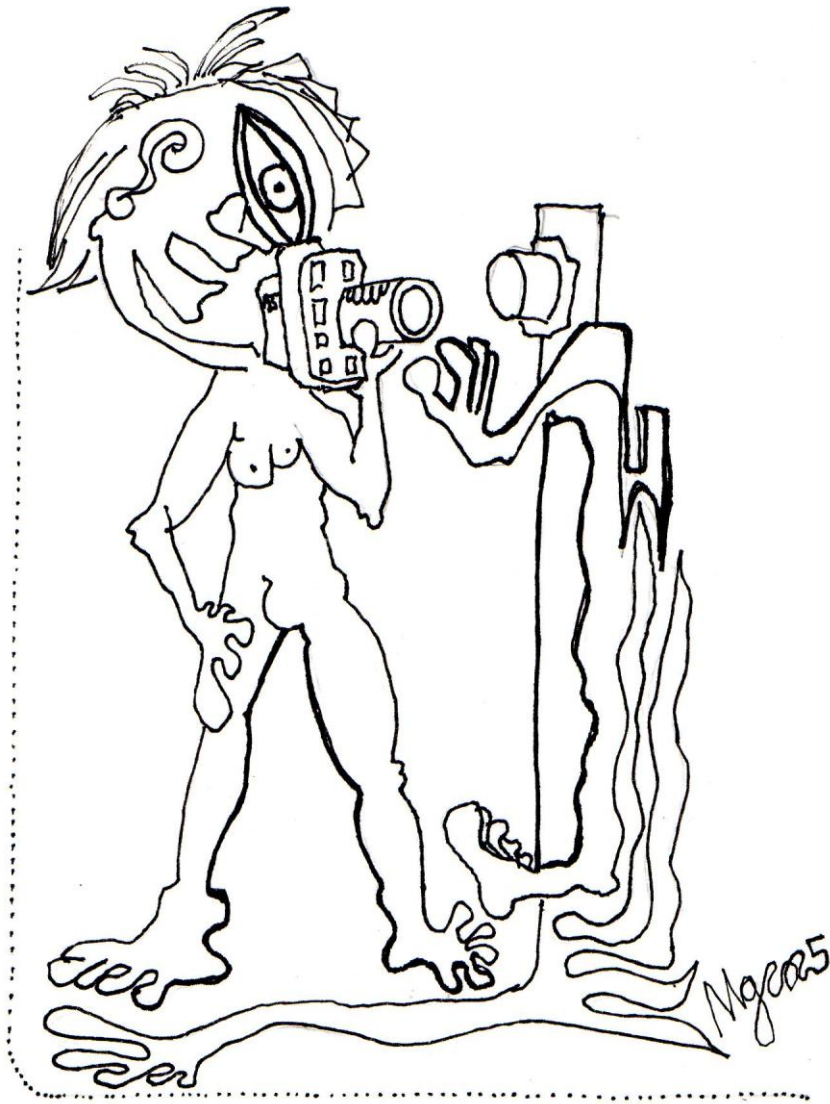
poeta Fernando Pessoa: *‘Navegar é preciso, viver não é preciso’*. O artista que vende sua arte inverte esses valores, colocando o sobreviver acima de tudo ou com exclusividade. No meu entendimento a arte entra na minha vida justamente porque não quero ser escravo da ‘condição humana’. Eis aí a chave do entendimento real do que vem a ser liberdade. Spinoza, Thoreau, Sidarta, Tolstói ... servem de referência.

68 – A Internet é um mundo de ninguém. Todo mundo reproduz as fotos postadas nas redes, sites, jornais ... sem citar o nome do autor. Caiu na rede é de domínio público. Um desprezo total pela autoria. Daí porque comecei a fazer algo que não queria: colocar uma discreta marca d’água nas minhas fotos que considero mais emblemáticas. Por conta da reprodução anônima muitos artistas colocam uma marca d’água que mexe no equilíbrio estético da obra. O nome do artista GRITA na tela. Alguns, mais possuidores, colocam seu nome no meio da foto, inviabilizando por total seu uso para quaisquer fins. Uma marca d’água pequena, com grau acentuado de transparência, no canto inferior direito, parece ser a solução, algo razoável. Afinal é a assinatura do artista. É claro que quem tem domínio técnico consegue anular essa marca, mas aí estamos diante de um caso específico de ruptura com o direito autoral e normas de civilidade. Um delito previsto em lei porque o objetivo é ganho econômico, com uso comercial de algo que pegou de outro.

69 – Quem leu com atenção tudo o que pensei e escrevi por aqui pode ter encontrado pensamentos soltos e até contraditórios. Primeiro, é importante ressaltar, quando pensamos livremente temos a liberdade de pensar tudo, inclusive pensamentos que se contrapõem e se excluem. Porque, na verdade, o pensamento é coisa de momento, transitório, fluído, passageiro. Como tudo passa na vida, é coerente pensar NÃO e SIM sobre a mesma coisa em momentos diferentes. Muitas pessoas confundem coerência com submissão a feitos passados. Votou pela primeira vez em um candidato da direita e se acha obrigado, por coerência, de sempre votar em um candidato da direita. Ora, bolas ... naquele momento o voto reflete uma condição de vida, um cenário, uma conjuntura específica. Manter essa condição para o resto da vida é algo anacrônico, bizarro. Não tem nada a ver com coerência. O que podemos manter são princípios norteadores, como é o caso de nunca votar em político sabidamente corrupto. O nome a ser escolhido está determinado por coerência de princípio e não por obrigação determinada por um ato ocorrido no passado.

Exercer a liberdade de fato é muito difícil. Estamos sempre avaliando que temos liberdade de escolha total, quando na verdade a margem de escolha é mínima. Isso vale para nosso modo de pensar, ver o mundo, escolher o time de futebol que torcemos, a roupa que vestimos, o corte de cabelo ... Se alguém pensa que é livre para escolher a roupa que veste, então proponho que faça um teste bem simples: saia de casa sem roupa ou vá para a escola com a roupa de banho de praia. A civilização, a família, a escola, a empresa onde trabalhamos ... nos moldam tirando liberdade. O que sobra é muito pouco. Nesse ponto entra a arte. Quando ela não está vinculada ao mercado, transformando um quadro em mercadoria, temos a possibilidade de realmente ser livres, de experimentar uma sensação muito diferente de tudo que até então vivenciamos. Mais adiante podemos então dizer que a arte abstrata é a expressão da liberdade total, uma vez que nos liberta inclusive do compromisso com a forma, com a figura.

70 - A arte abstrata na fotografia é algo raro. A fotografia é por essência retrato da realidade enquanto cópia do mundo e seus objetos e luzes. Ter a coragem de usar a fotografia para fazer arte concreta ou abstrata é algo desafiador. Poucos artistas aceitam esse desafio e conseguem fazer algo efetivamente interessante nesse campo. Como fazer arte abstrata na fotografia está muito diretamente vinculado ao meu conceito de liberdade, até hoje, nunca mostrei para ninguém uma fotografia abstrata de minha autoria. Evito ao máximo tirar de mim uma parte da minha liberdade. O olhar do outro me rouba o segredo da minha estética libertária. Por isso mesmo, na maioria dos casos eu deleteo as fotografias que faço usando princípios norteadores da arte concreta. São fotos que servem para o momento, como se curte o momento de colocar os pés na areia da praia. É um momento. Apenas um momento. Não precisa ser guardada enquanto objeto, enquanto arte, enquanto coisa. Basta a sensação e a memória ... a liberdade de guardar para si em pensamento, em sensação vivida. Nem tudo que vivemos tem de se transformar em objeto, em coisa. Esse é um vício da humanidade de muito tempo, desde a invenção do presente. Damos presente para dizermos, através de coisas, que amamos uma pessoa. O sentimento vira uma caixa de bombom ou um anel. Reificamos todos os nossos sentimentos com uma naturalidade absurda que chega ao ponto de não conseguirmos mais ter consciência dos nossos próprios hábitos. Fazemos de forma natural, como se fossemos um mecanismo autômato, programado.



71 – Sendo assim, o artista também pode ter a liberdade de fazer e desfazer, colocar sua arte em uma parede ou na lata do lixo. No caso da fotografia digital, tenho a liberdade de não imprimir, não publicar nas redes sociais e de deletar da memória do meu computador ou celular. Negar à uma fotografia sua existência física. Eu sou o criador e muitas vezes o que eu quero não é uma coisa, um objeto, uma foto. O que busco é a sensação, a emoção, o prazer, a vivência de fotografar, de representar o belo, de buscar novas maneiras de olhar, de estar no mundo fazendo algo livre, sem compromisso. Quando penso a foto artística, muitas vezes, penso como vivência e não como coisa. Aqui pode entrar o conceito de ‘arte experimental’, suas variantes e possibilidades. Uma das coisas que mais tem me deixado intranquilo é justamente a percepção de que estou rodeado de coisas, objetos e mais objetos. Minha casa está abarrotada de coisas que para lá fui levando durante cinquenta anos. Todos os dias levo coisas para dentro dela. Sou náufrago em um oceano de objetos. Então, quando vejo uma fotografia fico pensando em fazer diferente, de vê-la diferente, fora dessa perspectiva de ser um objeto que levo para casa no final do dia. Deleto a fotografia do meu celular e fico com a sensação de ter vivido bons momentos fotografando.

72 – Dale Carnegie disse: *‘Aja da melhor maneira que puder, depois, abra seu velho guarda-chuva e evite que a tempestade de críticas lhe escorra pelo pescoço.’* Temos essa obrigação de sempre tentar fazer o nosso melhor, mas temos também a obrigação de nos proteger daqueles que sempre estão dispostos a ver o lado ruim de qualquer situação. A crítica a ser respeitada é aquela crítica que tem o objetivo de construir, contribuir, melhorar e ajudar. Quando um amigo critica de forma positiva, qualquer erro apontado é uma contribuição. Quando uma pessoa qualquer formula um rol de supostos erros que você cometeu, baseado apenas na sua visão de mundo, o que temos de fazer é ignorar. A crítica que não contribui, não serve. Na arte, a maioria das críticas são destrutivas, desconstrutivas.

Por outro lado, temos muitos artistas que possuem uma visão muito bondosa de sua própria arte e de seu talento artístico. Estão tão cheios de si que não conseguem ouvir e ver o óbvio. Há uma impossibilidade do aprendizado quando não se houve atentamente uma boa crítica, porque nunca poderemos aprender com nossos próprios erros. Então, nem uma coisa nem outra. Nem podemos desistir de nossa arte por causa de críticas infundadas, nem deixar de ouvir as críticas que efetivamente nos ajudam a crescer. Mas,

como separar uma da outra? Sabemos que nisso tudo está envolvida uma carga muito grande de emoção e pouca racionalidade. O artista, diante da sua obra, tem nove pontos de emoção e um ponto de racionalidade. O jogo estará sempre nove por um, a favor da emoção. Então, fica difícil falar algo para uma pessoa que está com a emoção à flor da pele. Na verdade, é fácil falar, mas muito difícil de digerir adequadamente uma crítica, mesmo que construtiva e feita na boa intenção de ajudar.

Esse aprendizado se faz na dor, mas tem de ser feito. Muitas vezes ficamos magoados e chateados justamente com essas pessoas que querem nos ajudar a crescer e fazer melhor a nossa arte. Lembro de três ou quatro críticas que meu irmão César fez a uns trabalhos que mostrei para ele ainda na década de 1980. Ele se formou em arquitetura e era professor da UFSC na cadeira de História da Arte. Sabia muito sobre teoria, estética e arte. Quando fazia críticas ao meu trabalho sempre ficava magoado, porque naquele momento eu queria elogio. Mas, as críticas dele sempre permaneciam remoendo dentro de mim, como espinho na ponta do dedo, incomodando, irritando. Agora, passados anos, décadas, consigo ver que aquelas críticas foram maravilhosas, porque realmente eram pertinentes e, seguidas sugestões, teriam feito a minha arte ter mais qualidade.

73 – Como artista amador penso que não tenho a obrigação de entregar meu trabalho aos olhos de críticos profissionais, porque penso nela como entretenimento e engajamento. Como entretenimento ela tem a função de me dar prazer. Como engajamento ela tem a função de servir aos objetivos de uma coletividade que busca melhor qualidade de vida. Em nenhum desses dois campos tem espaço para a interferência de críticos profissionais. Essas críticas não me servem porque são críticas forjadas na lógica do mercado, para o mercado. Sendo artista amador, mergulhado no mundo para fotografar tenho a liberdade de simplesmente fotografar, sem pensar no resultado. Isso será pensado depois, quando já estou em casa diante do computador. Nesse segundo estágio, seleciono o que considero interessante e o que, merecidamente, deve ir para a lata do lixo. Tenho autocrítica tão severa que, muitas vezes, fico agradecido por ter concordado em salvar uma ou duas fotografias entre centenas que tirei naquele dia. Depois vem o terceiro estágio, que a hora de tomar a decisão de mostrar ou não mostrar a foto. Publicar, fazer circular na Internet, participar de exposições individuais e coletivas, utilizá-la para ilustrar meus livros ... Por último, vem a expectativa sobre a reação das pessoas diante da minha arte. Entre o primeiro estágio do processo criativo e o último, a energia vai se diluindo. Há muita intensidade no

momento de fotografar e, muito pouca no momento de mostrar. Que continue assim, porque o importante é sentir paixão em fotografar. O resto é o resto ...

74 – Eu me defino como um cidadão vinculado aos princípios da esquerda democrática. Uma posição de centro-esquerda, moderada, sem compromisso com grupos, partidos e uma ideologia definida. Defendo o Anarquismo Epistemológico ... Aprendi com Aristóteles na sua ‘Ética a Nicômaco’, ainda quando tinha quinze anos de idade, que a felicidade está no equilíbrio obtido pela moderação. O caminho do meio. Ser de esquerda significa dizer que o interesse coletivo, a coisa pública, tem precedência sobre o interesse individual, a coisa privada. O egoísmo tem de dar lugar à solidariedade. Ser democrático significa dizer que considero importante respeitar as escolhas dos outros, desde que legais e legítimas. Ter a postura de não impor os meus interesses e visão aos outros, de não querer que os outros sejam iguais a mim, pensem e ajam igual a mim. Aceitar a diferença, o contraditório. Conviver na multiplicidade, na pluralidade, na diversidade.

Na arte, essas escolhas me levam a optar por exposições coletivas e textos construídos em parceria. A arte tem de ser engajada, tendo utilidade coletiva, comunitária. A minha arte sempre terá um composto de anúncio e denúncia, porque estará sempre pensando no bem comum.

75 – Como democrata tenho a postura de respeitar a escolha de todos os meus companheiros artistas. Assim, mesmo não querendo transformar minha obra em produto para ser ofertado no mercado, ficando no campo do amadorismo, respeito quem faz diferente e resolve se profissionalizar. É uma carreira difícil, porque no nosso país os valores da população relegam a cultura ao substrato inferior. Mas isso não diz respeito somente ao povo brasileiro. Não é uma exceção ou um fenômeno isolado. Humberto Eco já nos falou que a Internet deu voz a uma ‘legião de imbecis’ que se acha sábia e dona da verdade, não obstante ter se formado recusando ler qualquer texto que tenha mais de cinco linhas. Essa legião, agora, tem orgulho de ser intransigente e ignorante. A ignorância está na moda. Nossos jovens negam tudo com naturalidade, dos direitos humanos à ciência. Dão aos *influencers* digitais a autoridade e credibilidade que antes eram dadas apenas aos cientistas. Agora, um comunicador qualquer, falando sobre um assunto qualquer, vira autoridade ao obter milhões de seguidores por conta de besteiras e palavras vazias que ruma nas redes sociais. Desse império dos imbecis não sobrará

pedra sobre pedra, muito menos arte. Então, como democrata tenho a obrigação e o direito de me contrapor, porque quero o melhor para a minha comunidade. Combater a legião de imbecis é dever cívico e minha arte é instrumento de luta. Eis, pois, democraticamente a arte engajada.

76 – Todo artista engajado tem o dever de compor sua ‘Guernica’. Mesmo porque a maioria conspira, de fato, contra a democracia e a liberdade verdadeira dos mais simples e humildes. Isso vale para ideologias de direita e esquerda, vale para o Fascismo e para o Comunismo. Geralmente essas ideologias se aproveitam do espaço democrático para atentarem contra a própria democracia, visando estabelecer as suas ditaduras – que sempre são apresentadas como libertárias. Por isso, o artista verdadeiramente livre apresenta grau acentuado de anarquismo em tudo que faz. Ele, por ser livre, é um ser ilhado, isolado, vivendo em um exílio no seu cotidiano. Não tem com quem dialogar, porque os libertários conspiram contra a democracia com subterfúgios tão ardilosos quanto os extremistas. A liberdade exige parcimônia na participação em grupos. Henry David Thoreau nos mostra o caminho, mas dele, logo ali na frente, sinto o dever de pegar um atalho.

77 – A arte fotográfica de rua tem certa facilidade em se engajar porque ela já está entre o povo, olhando para o povo, se nutrindo da cultura popular. O engajamento é apenas um refinamento desse ato artístico, dessa intencionalidade de se envolver com o popular, com a massa, com o comum e o invisível aos olhos da sociedade de consumo. A miséria humana está na esquina, basta o artista tomar a decisão política de fotografá-la.

Mas, é possível falar em ABS (agradável, belo e sublime) ao mesmo tempo que se fala em miséria? É possível compor uma fotografia agradável, bela e sublime e ao mesmo tempo que denuncie a miséria humana dessa sociedade de consumo desenfreado? Pablo Picasso conseguiu com Guernica; Goya conseguiu com ‘Os fuzilamentos de 3 de Maio’; Cândido Portinari conseguiu com seus murais mostrando os nossos retirantes; Sebastião Salgado evidenciou tudo isso com suas fotos de Serra Pelada. O romance ‘Os miseráveis’ de Victor Hugo, nos mostra que é possível trabalhar a arte em um campo limite entre a ficção e a realidade, colocando a arte daí decorrente a serviço da humanidade.

78 – Este breve ensaio não tem a pretensão de fazer o leitor ser convencido a pensar igual a mim. Não mesmo! O objetivo único é mostrar como eu penso de forma a possibilitar que as pessoas que acompanham a minha arte compreendam ambos: o artista e sua arte. Longe de mim mostrar o que é certo ou errado em arte, mostrar caminhos retos e enquadrar espectadores e artistas dentro de normas e escolas. A ortodoxia é uma pretensão e/ou imposição. Não há caminho certo ou errado em arte, porque o único critério norteador do seu exercício é a liberdade.

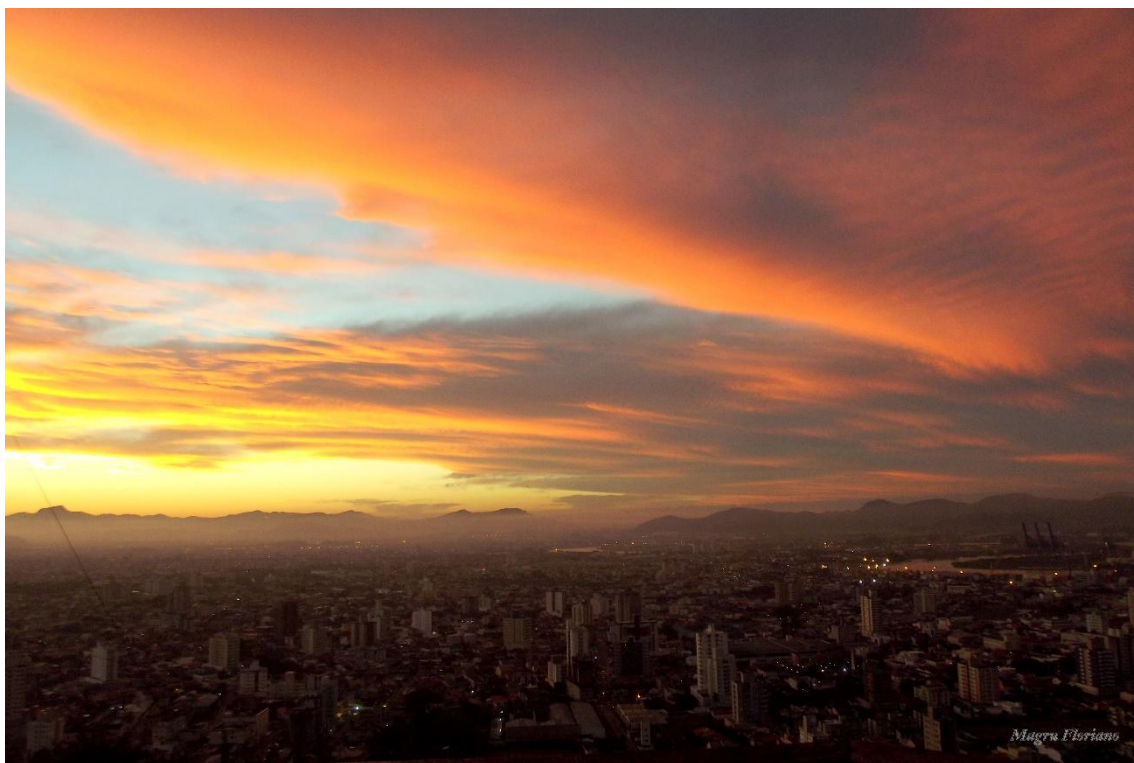
Mesmo porque, logo ali na frente eu posso mudar de ideia sobre tudo o que pensei ou fiz. Não tenho compromisso com o que pensei no passado. Tenho compromisso em ser coerente no presente. Como sentenciava Emmanuel Kant: *‘O sábio pode mudar de opinião. O idiota nunca.’* Eu arrisco a afirmar que a principal característica do idiota é justamente essa: não mudar de opinião por pretender ser coerente com o seu passado.



ANOTAÇÕES ACERCA DE ALGUMAS FOTOS

Exemplos comentados

EXAGERO NATURAL



Em muitas oportunidades a natureza se mostra tão extraordinariamente diferente que até nos faz pensar, diante de uma foto, que estamos manipulando a imagem eletronicamente. As cores são tão fortes que temos a tendência de tirar um pouco da sua tonalidade, invertendo o processo que geralmente ocorre nas manipulações fotográficas. O mais comum é o artista buscar mais contraste e, não, tirá-lo.

POLUIÇÃO VISUAL



No mundo cada vez mais urbano em que vivemos, com nosso ambiente sendo palco de um crescimento populacional acentuado e desordenado, levando à extensão de serviços e tecnologias a todos os pontos do território, fica cada vez mais difícil você encontrar um foco para fotografar sem que tenha à sua frente obstáculos como fios, lixeiras, carros estacionados, antenas, luminárias, postes. O esforço para fotografar fica cada vez maior, e requer do fotógrafo mais atenção para selecionar o quadro. Tem de treinar mais o seu olhar para perceber rapidamente esses objetos intrusos que sujam a imagem. Uma lixeira quase nunca é fotografável e deve ser evitada a bem da estética. Um poste de energia elétrica pode representar perda de beleza, notadamente quando a lente da câmera mexe no ângulo, entortando tudo. Até mesmo na zona rural encontramos esses obstáculos que sujam a imagem.

DISTORÇÕES DA LENTE I



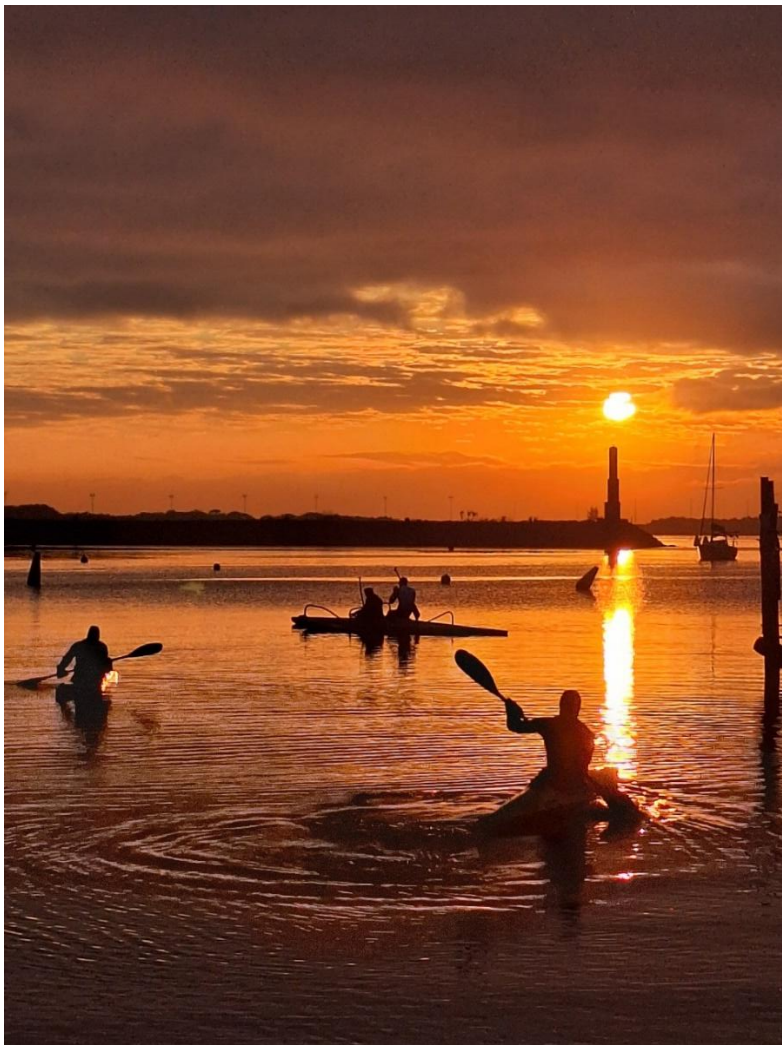
Muitas vezes a lente do celular distorce o ângulo natural da paisagem. Principalmente quando se trabalha com quadro mais aberto (0,5). Contudo, nem todas as imagens ficam prejudicadas por conta dessa característica do equipamento utilizado para fotografar. Pode ocorrer de termos uma montagem formando um quadro interessante com os elementos distorcidos. O problema é que a foto fica mais artística e menos jornalística. Serve mais para decorar e muito menos para informar. A imagem distorcida dificilmente vai ser utilizada em um jornal ou site de notícias. Nestes casos, o macete é fotografar mais aberto e, depois, fazer o corte no computador.

DISTORÇÕES DA LENTE II



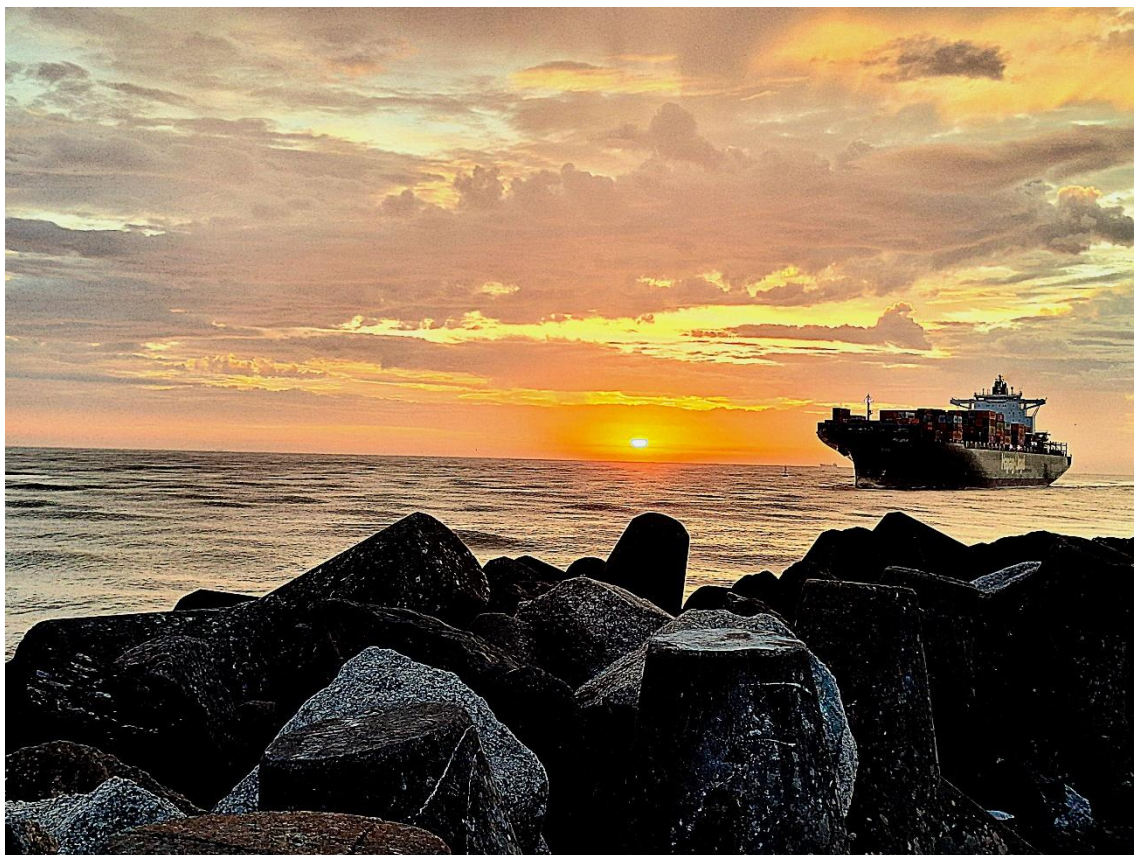
Quando se tira uma foto e a lente distorce os elementos, mas se precisa de uma foto mais tradicional, com todos os elementos retos, o macete é tirar uma foto mais aberta possível e, depois, no computador cortar os excessos laterais. No caso desta foto eu estava focado em tirar uma foto da fachada da sede da ANI – Associação Náutica de Itajaí. Para manter a edificação em ângulo reto abri mais a foto e ganhei bastante espaço para recortar o entorno. Contudo, também gostei do diálogo visual que se apresenta na foto entre o céu e a sombra projetada no piso. Nuvens e sombras criam uma atmosfera visualmente interessante. Se for para ilustrar um texto informativo cortamos as laterais em excesso; se for para decorar um ambiente, deixamos tudo como está. A arte fotográfica, portanto, tem o seu resultado vinculado ao seu objetivo final.

LINHAS NATURAIS



A natureza nos oferece muitas linhas que complementam o cenário com ganho estético. No caso desta fotografia eu pensei em três linhas que estavam a minha disposição no momento. A primeira delas era a linha da luz do sol em relação ao farol da barra. O sol bem em cima do farol e o canoeiro seguindo sua linha de luz; A segunda, é composta pelas linhas circulares feitas na água pelo remo do canoeiro. Tentei captá-la de forma que ficasse mais acentuada possível; A terceira linha está demarcada pela pilastra do píer. Ela está em linha de noventa graus com o farol e o mastro do veleiro ao fundo.

MUITOS ELEMENTOS I



O ambiente na Barra do Rio Itajaí é muito rico em termos estéticos. Naquela manhã de inverno oferecia vários elementos interessantes para fazerem parte da composição, como é o caso do navio entrando no estuário do Rio Itajaí, o sol nascente, o Morro do Vigia, nuvens carregadas, tetrápodes, rebocadores e embarcações de pesca pequenas. Quando o navio estava distante da barra, mas já dentro do canal de acesso ao Rio Itajaí, concentrei meu olhar na combinação entre três elementos principais: navio, sol e tetrápodes (pés de galinha). O navio estava mais a leste e a ideia era acompanhá-lo e tomando decisões ocasionais sobre as combinações possíveis.

MUITOS ELEMENTOS II



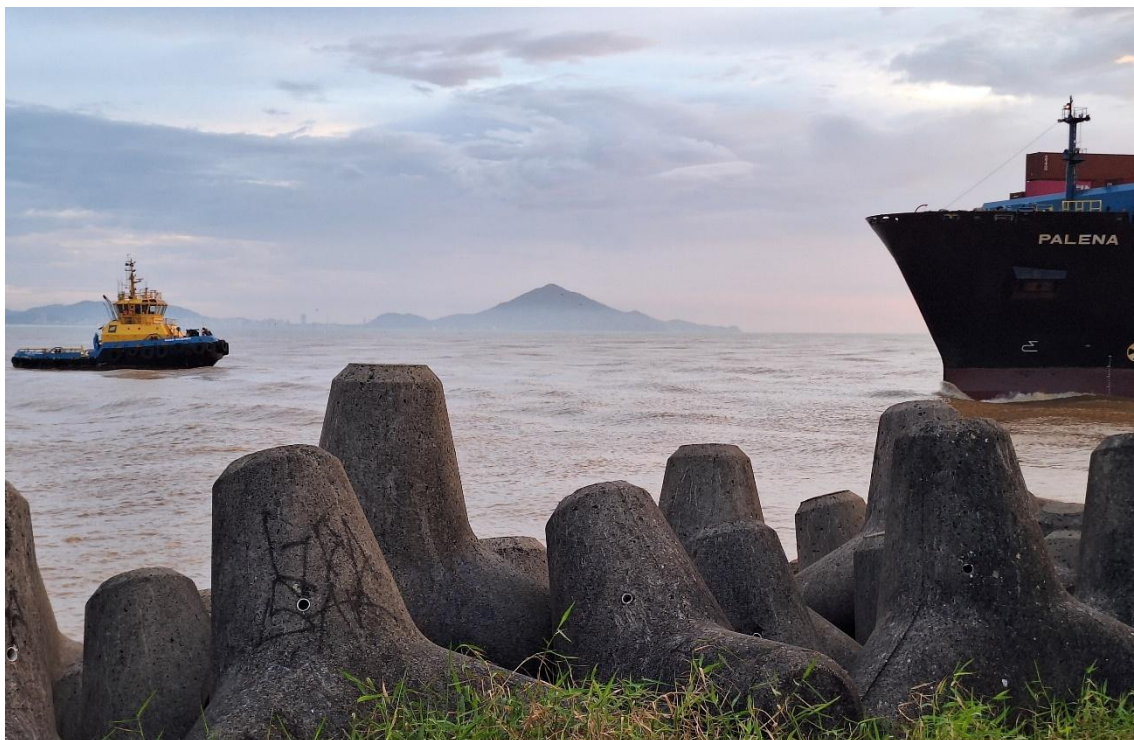
Em determinadas situações o artista tem muitos elementos interessantes para incluir no quadro. Nesta foto, por exemplo, eu me interessei pela estética das nuvens carregadas, o Morro do Vigia em forma de pirâmide, o navio entrando na barra do Rio Itajaí, os tetrápodes dos molhes e os rebocadores. Deixei de lado os rebocadores e o nascer do sol, formando o quadro sem esses elementos que também me interessavam. Na distância que se encontravam – navio e rebocadores – ficava inviável uma foto vertical. Então, optei por fazer a foto sem o rebocar, aguardando para uma segunda foto quando o navio estivesse mais próximo. Afinal, os meus objetos estavam em movimento e eram ações previsíveis. O cenário estava sobre meu controle, pelo menos nessa questão.

FORA DE CONTROLE I



Somente quando o navio chegou mais próximo do primeiro rebocador é que pude perceber que eu não estava na melhor posição para bater a foto planejada. Como é fácil de perceber, o Morro do Vigia está descentralizado, mais próximo do navio. Também considero que os tetrápodes mais altos deveriam estar posicionados mais às margens e menos no centro. A foto apresenta um certo desequilíbrio na composição final. Mas como os objetos – navio e rebocador – estavam em movimento, naquele momento não dava de eu me movimentar para acertar o ângulo. Era uma situação fora do meu controle.

FORA DE CONTROLE II



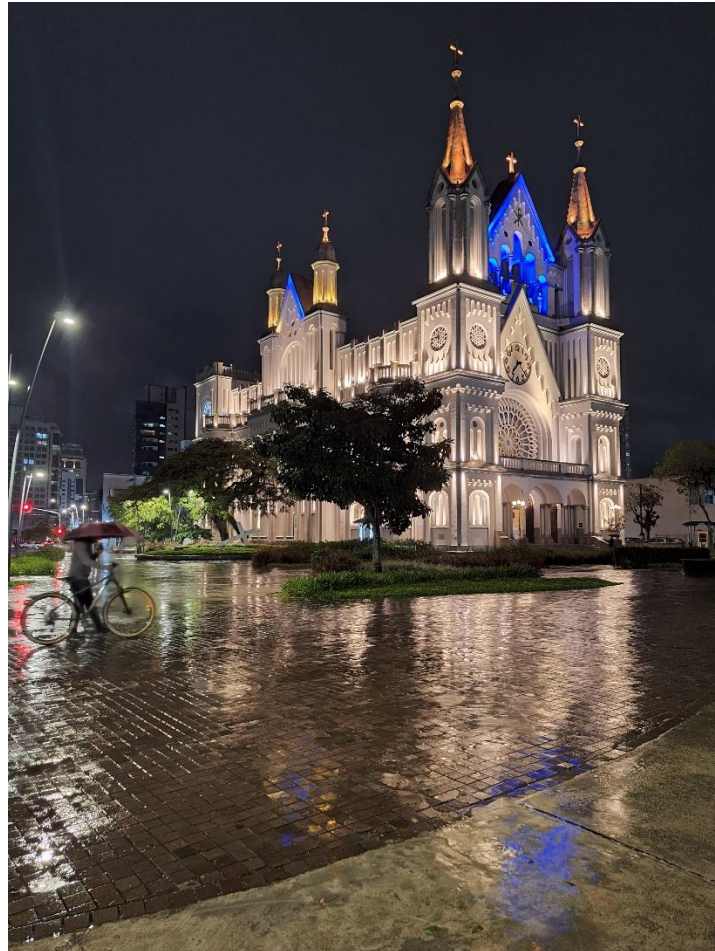
Trocando a foto vertical pela foto horizontal alguns problemas foram resolvidos. Consegui colocar o Morro do Vigia no espaço central entre o rebocador e o navio, dando mais equilíbrio à imagem. Contudo, os tetrápodes mais altos continuaram muito ao centro, mexendo na composição geral de forma negativa. Melhor seria se eles fossem para as laterais. Esta composição ideal era possível, mas, no momento, meu obstáculo maior residia no fato de que o navio estava em movimento contrário ao que eu necessitava.

NUVENS E SOMBRAS



Na medida do possível eu busco evitar dois elementos que, na minha avaliação, não ajudam muito na boa composição. Nesta foto dá de notar as sombras projetadas no piso da Rua Almirante Barroso e, também, nuvens muito opacas. Além desses dois elementos deverem estar sempre sob controle, temos de evitar também os restos de elementos sujos, como é o caso de postes e fios elétricos da rede pública. Outro elemento que encontramos na foto que deve estar sob controle são os raios de sol. Dependendo da foto, eles até são desejáveis e podem melhorar a composição. Mas, na fotografia mais informativa eles são sempre indesejáveis.

CHUVA



É fácil de perceber que o chão molhado reflete melhor as luzes artificiais da cidade deixando tudo mais poético. Sempre que possível o melhor é fotografar após a chuva. Dependendo do caso, também fica interessante fotografar durante a chuva porque entram outros elementos pouco usuais na composição, como é o caso de um ciclista ou pedestre com guarda-chuva.

FUNDO INDESEJADO I



Tem condições do cenário que não depende muito do fotógrafo. O fundo, muitas vezes, é simplesmente horrível e não dá opção de ângulo. Principalmente no caso de uma foto informativa, como é o caso da foto de um busto de praça, o fundo, no máximo, pode ser neutralizado. Mas, sempre pode piorar. Nesta foto temos um céu com nuvens brancas em contraste com falhas em azul. O cenário seria muito pior se o céu estivesse nublado e cinza uniforme. Pior ainda, se fosse no período com o céu cinza e o sol a leste, dominando tudo com um clarão de fundo.

FUNDO INDESEJADO II



Quando se busca um ângulo para evitar o fundo indesejado pode ocorrer de se perder o ângulo ideal para uma foto informativa, tornando a foto um pouco mais artística. Resolve-se um problema, mas herda-se outro. Sem falar que neste caso ainda ficou destacada a imagem com a sujeira dos pombos sobre todo o busto, algo que não ganhava tanto destaque na foto frontal.

RAIO E BOLHA DE LUZ



Um raio de luz que incide sobre um objeto ou paisagem geralmente é algo não pensado ou desejado pelo fotógrafo. Contudo, se ele for detectado no momento certo pode ser muito bem utilizado para conferir ao ambiente um tom mais poético e menos burocrático. O problema é que geralmente esses raios aparecem acompanhados de bolhas de luz. Essas, sim, são sempre indesejáveis e podem prejudicar por completo a fotografia na sua estética final.

NADA DE NADA



Acontece do editor pedir foto de uma localidade isolada da cidade, como é o caso do Campeche, na zona rural de Itajaí. A comunidade vive da agricultura e a paisagem tem pouco da interferência humana ou nenhum ponto com beleza natural que chame a atenção. É um lugar comum em todos os aspectos. Nesse caso a viagem de trabalho pode ser salva pelo garimpo de algum detalhe, como é o caso de um tié-sangue na cerca de arame-farpado ou o agricultor isolado no campo com seu chapéu de palha e o sol morrendo na morraria de fundo. Se deixar os detalhes passarem despercebidos a viagem será pouco proveitosa.

PRETO & BRANCO



Tem imagens que ficam muito melhores no preto e branco, porque sua composição se torna mais homogênea e menos bagunçada ao olhar do espectador. As fotos que possuem muitos elementos coloridos espalhados pelo cenário acabam deixando o espectador sem opção. Essas fotos geralmente são descartadas rapidamente. Nesse caso, transformar a foto colorida em P&B pode ser uma opção razoável, porque o contraste simples torna tudo mais harmônico. No caso específico dessa foto, o meu foco não era a empresa de gás do bairro de Cordeiros, nem o caminhão. O meu foco eram os riscos deixados no pátio de manobra dos caminhões. Um círculo em forma de caracol com uma estética bastante interessante. O colorido acaba tirando esse destaque do círculo, por ele ter uma cor neutra de terra batida. O P&B deixou tudo mais harmônico e o círculo ganhou destaque.

EXCESSO



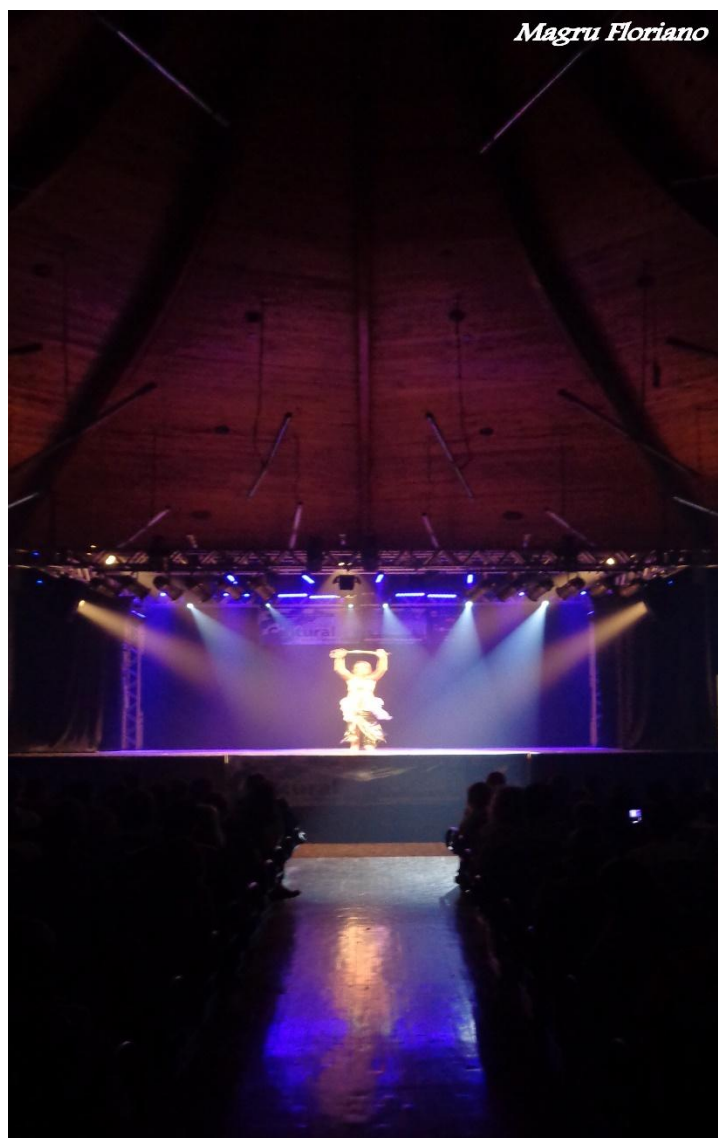
Esta foto tem no lado direito uma luminosidade maravilhosa, agradável ao olhar humano sob todos os aspectos. Geralmente as fotos tiradas com essa luz do final do dia agrada a todos. Acontece que no lado esquerdo temos um sol explodindo em linha reta, tornando tudo disforme. Há um desequilíbrio que pode ser evitado, com o fotógrafo mudando seu ângulo de visão, seu posicionamento. A luz que explode elimina uma parte substantiva do quadro. Temos aqui um quadro em desequilíbrio. O que se configura como nosso aliado no lado direito, passa a ser nosso problema no lado esquerdo. Obviamente que esse problema vai se apresentar apenas para os fotógrafos amadores, como é o meu caso, porque os profissionais possuem filtros e lentes especiais para cada ocasião.

COMPOSIÇÃO



Seguindo uma procissão o melhor é estudar o percurso antes e escolher os pontos preferenciais para fotografar considerando o cenário de fundo. No lugar de colocar de fundo um prédio qualquer, temos a opção de colocarmos a sede do Herbário, uma construção esteticamente diferenciada e agradável. Por outro lado, dá de perceber na foto a opção de se colocar duas personagens no ângulo da direita, deixando a linha com maior quantidade de personagens em uma grande diagonal, começando visualmente no canto inferior esquerdo. Se fosse trabalhar a imagem no computador, tiraria a sombra do poste no asfalto da Avenida Marcos Konder. Mas essa é outra questão.

AMBIENTE INTERNO



Evito de todas as formas tirar fotos internas porque nesse caso específico o melhor é investir em equipamento adequado para tal tarefa. Outro ponto fundamental é não se tornar inconveniente para as pessoas que estão no seu entorno vendo uma peça de teatro ou show. Aquela luz do celular, mesmo sendo apenas da tela, tendo o flash desligado, irrita sobremaneira e tira a concentração do espectador. Uma solução é tirar o brilho da tela do celular, ficar mais atrás possível e no corredor. É o que dá de fazer de melhor se a ideia é não atrapalhar.

MARCA D'ÁGUA I



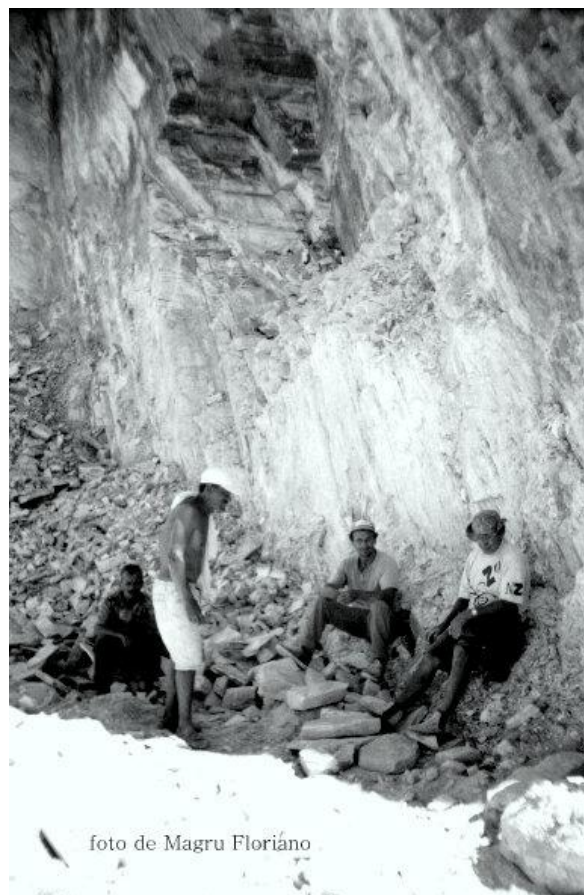
Muitas das marcas d'água que coloquei nas minhas fotos me levaram ao arrependimento. No caso da foto posta acima vemos uma marca de água muito brilhosa, chamando a atenção para si. Isso não é desejável. O melhor é colocar uma marca d'água que seja discreta. Para isso, tem de ter um tamanho compatível e com um grau de transparência maior possível. Outro ponto é escolher o lugar adequado para colocá-la. Nem sempre o melhor lugar é o lado direito no canto inferior, como se estivéssemos assinando uma tela. Quando os principais elementos estão à direita, o melhor é colocar a marca à esquerda. Porque, nesse caso, todos os elementos iriam para a direita acentuando o desequilíbrio na composição.

MARCA D'ÁGUA II



O ideal é não colocar a marca d'água na parte da frente da fotografia. Mas, contudo, todavia ... hoje, na Internet, se você colocar uma imagem sem a sua marca está correndo o risco de ter sua imagem capturada por um espertinho que a usa de forma inescrupulosa. Então, melhor colocar uma marca, o mais discreta possível, para sinalizar que a imagem tem autoria definida e que poderá ocorrer responsabilidade jurídica quanto aos direitos autorais. Como a marca tem a principal função de garantir a autoria, no mundo do anonimato da Internet, então é recomendável que a marca seja o mais transparente e pequena possível. Discreta, seria o termo adequado nessa situação.

MARCA D'ÁGUA III



Nesta foto eu cometi dois erros com a marca d'água. A primeira foi tornar a marca maior do que o necessário com uma frase 'foto de Magru Floriano'; a segunda, foi não ter salvo a foto original, sem a marca. Agora, tenho apenas a foto com a marca, sem a possibilidade de fazer uma cópia com uma marca mais discreta, no canto direito ou esquerdo, com a identificação simplificada 'magru floriano'. Fica evidente que a expressão 'foto de' é completamente desnecessária.

FORMAS INESPERADAS



Quando você fotografa rochedos e ambientes naturais é possível deparar-se com formas inesperadas. Muitas vezes você vai perceber a forma de um rosto humano em um rochedo somente quando já está em casa manipulando as fotografias que tirou durante o passeio. Caso o seu olhar perceba no local tal fenômeno aí tudo fica diferente, porque dá de bater um número maior de fotos tentando pegar a figura por todos os ângulos possíveis, até encontrar o ângulo ideal. Dependendo do lugar, pode-se voltar outro dia. Aí, tudo fica mais facilitado. Em Itajaí temos o caso do Bico do Papagaio, onde todo mundo reconhece a figura da ave porque o local está em destaque na paisagem. Mas, quem percebeu a figura pela primeira vez conseguiu fazer com que todo rochedo, que estava sendo dinamitado para a construção de uma estrada, ficasse preservado à margem dessa estrada. Uma atração turística que foi preservada pelo olhar atento de um engenheiro ou mestre de obras. Na foto acima temos um gigante de pedra no costão norte da Praia de Mariscal, Município de Bombinhas.

SIMBOLISMO I



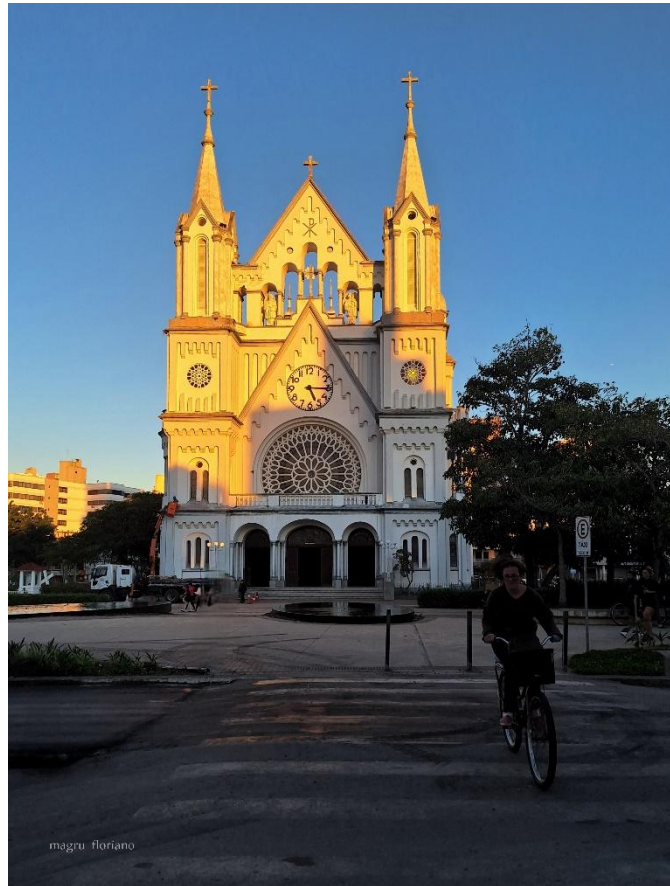
Alguns objetos, formas, plantas, animais ... possuem o poder de dizer muito mais do que são em sua essência. Elas simbolizam algo ou remetem o pensamento humano para outro cenário. Elas possuem o poder de dizer mais do que exatamente são. Quando o fotógrafo inclui no cenário algo assim, emblemático, simbólico, ele deve trabalhar de forma diferenciada sua posição dentro do cenário. Tem de valorizar essa peça justamente pelo seu poder de representar, de significar. A planta barba-de-velho, por exemplo, nos remete a Natal e à passagem do tempo, coisa antiga, algo que se perpetua no tempo. No caso dessa foto eu ainda destaquei a barba de velho e o tronco da árvore porque tinha a consciência de que as obras de reurbanização da Avenida Marcos Konder iriam retirá-los dali. Isso significava dizer que a minha foto com a árvore passaria, logo ali na frente, a ser uma foto testemunha de uma realidade que mudou. Em síntese, passava a ser uma foto de conteúdo histórico.

SIMBOLISMO II



Além de colocar a barba-de-velho em destaque no cenário, deixando a torre da sede do Herbário em segundo plano, a fotografia ainda pode ampliar esse simbolismo da passagem do tempo, da sensação de antiguidade. Basta, por exemplo, passar a foto colorida para o preto e branco. Não se trata de usar recursos para deixar o prédio deteriorado pelo tempo, com suas paredes corroídas, etc. É apenas o clima que muda. O clima de uma foto colorida é completamente diferente do clima de uma foto P&B. Simples assim.

AS ESTAÇÕES DO ANO



Um cenário fixo, como é o caso da Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento de Itajaí, tem sua dinâmica própria por conta das estações do ano e do clima. Um dia de chuva é muito diferente de um dia de sol. Por outro lado, mesmo nos dias de sol temos alguns pontos a observar. O primeiro deles é o horário. Dependendo do horário o sol pode ajudar ou atrapalhar; o segundo ponto diz respeito às estações do ano. Como sabemos pela experiência, a luminosidade muda por completo nas diferentes estações do ano. No outono e primavera a luminosidade do final de tarde é mais contida, menos forte e clara. Tudo fica mais suave e, na minha visão, ganha uma qualidade estética admirável. Então, não basta escolher o objeto a ser fotografado, temos de estudar a luminosidade de todo o cenário.

QUASE BELO



Tem fotos que são, simplesmente, decepcionantes. Isso ocorre porque você está em um determinado ambiente percebendo algo maravilhosamente belo e pretende fazer uma fotografia expressando toda essa beleza. Acontece que o belo que está sendo detectado ‘in loco’ não passa para a câmera de forma automática. Os equipamentos possuem suas limitações técnicas. Então, aquela foto que era para ser maravilhosa acaba sendo apenas mais uma foto. Isso ocorre, entendo eu, por conta da psicologia que nos envolve no momento que estamos fotografando. O ambiente do ‘Natal luz’ no Largo da Matriz de Itajaí é tão intenso que acabamos por misturar o clima natalino maravilhoso como sendo também o cenário fotográfico maravilhoso. A psicologia que nos envolve acaba também envolvendo o trabalho fotográfico. O que resta é, muitas vezes, se decepcionar com o resultado estético.

RECURSOS TÉCNICOS



Muitos recursos técnicos que as câmeras e programas de computador nos oferecem acabam não passando de máquinas de truques baratos. Acho interessante exercitar nossa percepção visual com esses truques, mas apenas como exercício mental. Um truque muito utilizado é o espelhamento da imagem. Tem alguns artistas obtendo resultados excelentes e acho tudo muito interessante. Mas, contudo, todavia ... o ideal é buscar a foto perfeita no cenário natural, sem a necessidade de truques.

NA CHUVA



Sair do comum, deixar o óbvio de lado ... é algo que temos de perseguir e usar com naturalidade na arte fotográfica. Temos de ter sempre em mente que o artista tem de experimentar, tem de ousar, tem de sair de sua zona de conforto. No esforço de inovar ele pode não obter resultados interessantes ou fotos melhores do que as usuais. Mas, fica dito, nada paga a experiência de buscar o novo, a satisfação da busca pela inovação. A busca por fazer diferente é indício de liberdade. Temos de buscar a inovação mesmo que o resultado seja decepcionante e tudo acabe na lixeira. Valeu a experiência.

ESCOLHA



Um dilema extraordinário é a escolha da foto que vai representar um conjunto de fotos tiradas em sequência. O artista se vê diante de um arquivo com cem fotos, todas consideradas boas, tendo poucas diferenças entre uma e outra. Mas, não dá de guardar cem fotos, mostrar cem fotos quase iguais ... é necessário escolher uma. O dilema está criado e vivenciado em toda sua intensidade. No final, muitas vezes, temos a sensação de que não escolhemos a foto mais bonita, a foto ideal. Fica um ‘buraco inobturável’, uma sensação de algo que não fechou, está em aberto, uma lacuna.... eis o dilema lacaniano.

TORTA



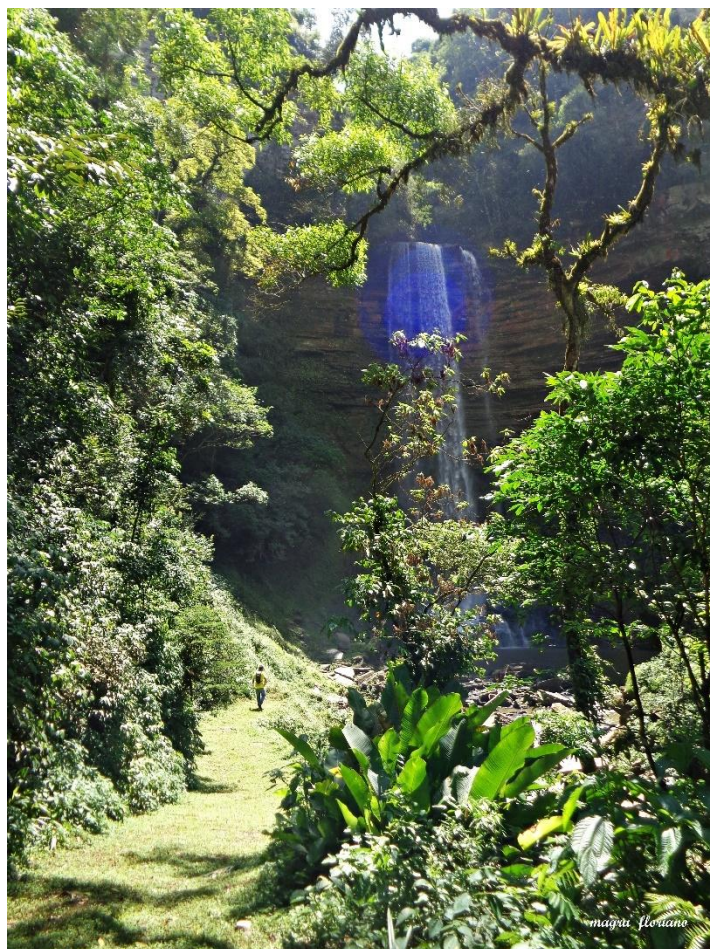
Tem fotos que nascem erradas e não há como consertar seus defeitos, porque são primários, são de fundamento. A foto acima mostra as linhas dos objetos do cenário não se comunicando de forma harmoniosa. A primeira linha, do piso, está fora do alinhamento da primeira estrutura do prédio ao fundo. Esta, por sua vez, está fora do alinhamento da estrutura do prédio no piso superior. São três níveis de linhas apresentando diferenças entre eles. O motivo deste desacerto entre linhas está na própria geografia do local fotografado. Como essa é uma fotografia de oportunidade, com as pessoas em movimento, em ato social, não dá tempo de estudar essas três linhas que determinam o cenário e buscar o ângulo ideal. Ou se bate a fotografia ou se estuda pormenorizadamente todos os sentidos das linhas dos objetos envolvidos no cenário.

A PIOR



Na maioria das vezes as sombras ocasionais estragam a fotografia. Contudo, entre essas sombras, a pior de todas é a sombra feita pelo corpo do próprio fotógrafo. Não tem como arrumar esteticamente uma foto dessa se não usar o recurso tradicional da tesoura. Um poste é muito feio, mas a sombra de um poste pode se transformar em algo ainda pior ao fazer companhia para a sombra de uma placa e do corpo do próprio fotógrafo.

FICAR PARA TRÁS



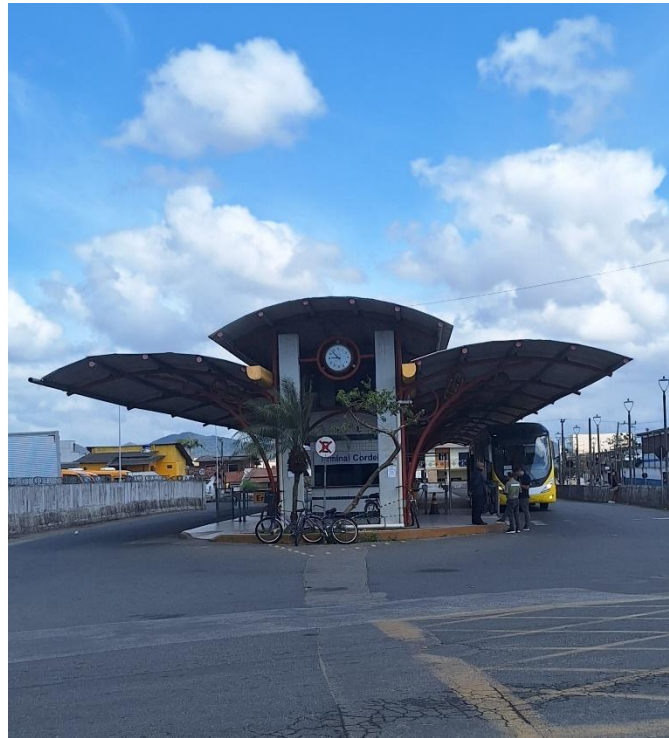
Quando você está fotografando em grupo, ou simplesmente participando de uma atividade com mais pessoas e sente que tem a oportunidade de fazer uma boa foto, o melhor é ficar mais afastado e para trás. Mantendo esse distanciamento é possível utilizar os próprios membros do grupo como personagens no cenário. É transformar o limão em uma limonada. O grupo que está próximo atrapalha, as pessoas que estão longe podem ajudar na composição.

TEMPO CERTO



Toda fotografia que tem o cenário com elementos em movimento merece a atenção quanto ao tempo certo de apertar o botão. Um segundo a mais ou a menos pode fazer toda a diferença no resultado final. Quem sabe utilizar recursos de disparo em série automático não terá, obviamente, este problema pela frente. Mas, no celular tudo fica um pouquinho mais complicado. Ter calma e projetar o cenário ... é o que faz a diferença. A postura do fotógrafo faz a diferença.

DATAÇÃO I



Toda foto é um documento histórico por sua natureza própria. Mas, o ideal é que o fotógrafo, fazendo fotografia de informação ou de arte, tenha consciência dessa função do registro histórico de sua foto. A foto acima é um exemplo dessa condição natural da fotografia de ser um documento histórico. A fotografia do Terminal Urbano de Cordeiros está datada historicamente porque mostra um ônibus amarelo estacionado nele. Acontece que por muitos anos os ônibus de Itajaí eram vermelhos e pertencentes à empresa Coletivo Itajaí. Agora, a Coletivo fechou suas portas e um consórcio assumiu o serviço com a marca SOL. Os ônibus da SOL são amarelos. Diríamos sem vacilar que essa foto é posterior a agosto de 2017, nunca antes disso.

DATAÇÃO II



A datação histórica da fotografia pode beneficiar muito os historiadores e jornalistas. Tendo os dados corretos das construções dos prédios mais exuberantes da cidade é possível datar todas as fotos com relativa facilidade. No caso do centro de Itajaí sabemos da construção de alguns edifícios: Banco Inco (1953), Bonifácio Schmitt (1960), Bamerindus (1962), Rio do Ouro (1967), Verde Vale (1979), Catarinense (1972), Francisco Eduardo (1977), Genésio Miranda Lins (1981). A Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento teve sua parte externa concluída em 1955, mas sua fachada sofreu reforma estrutural anos depois, quando se trocou o relógio frontal.

MOLDURA



Um dos truques mais utilizados em fotografia é o emolduramento. Geralmente o fotógrafo pega o objeto central e coloca outro objeto, ou objetos, emoldurando esse centro. Não é apenas uma questão de oportunidade, mas, também, de senso estético e de escolha. Muitos fotógrafos procuram por esse emolduramento, para deixar o cenário menos previsível ou simplório. Busca deixar o trabalho mais poético.

POUCO É MAIS



Na fotografia muitas vezes o detalhe é suficiente para se ter uma boa foto. As pessoas possuem o hábito de ver o geral, olhar para o todo, principalmente quando estão diante de algo que chama a atenção pelo Agradável, Belo e Sublime. De certa forma o artista fotográfico tem de treinar esse olhar que evidencia o detalhe, porque ele tem de ter a postura de um garimpeiro. E, um garimpeiro, é um *expert*, na arte de encontrar ouro onde todos veem apenas pedra.

MOVIMENTO



Essa foto testemunha a história de dois prédios históricos para a cidade de Itajaí. No fundo temos a Casa Asseburg abandonada e prestes a ser demolida; à sua frente temos uma pilha de vigas de ferro e operários trabalhando na construção do Pier Turístico às margens do Rio Itajaí. A luz está batendo na fachada da casa, deixando todo o resto do cenário à sombra. Os operários estão em uma posição de esforço e desequilíbrio, passando a impressão de movimento.

CONTRASTE I



Uma das possibilidades de se obter um bom contraste é colocar o primeiro plano no tom escuro, deixando o plano de fundo com mais luminosidade. A diferença de luz entre o primeiro e segundo planos dá uma beleza diferenciada à foto. O inverso ocorre com frequência e com bons resultados também.

CONTRASTE II



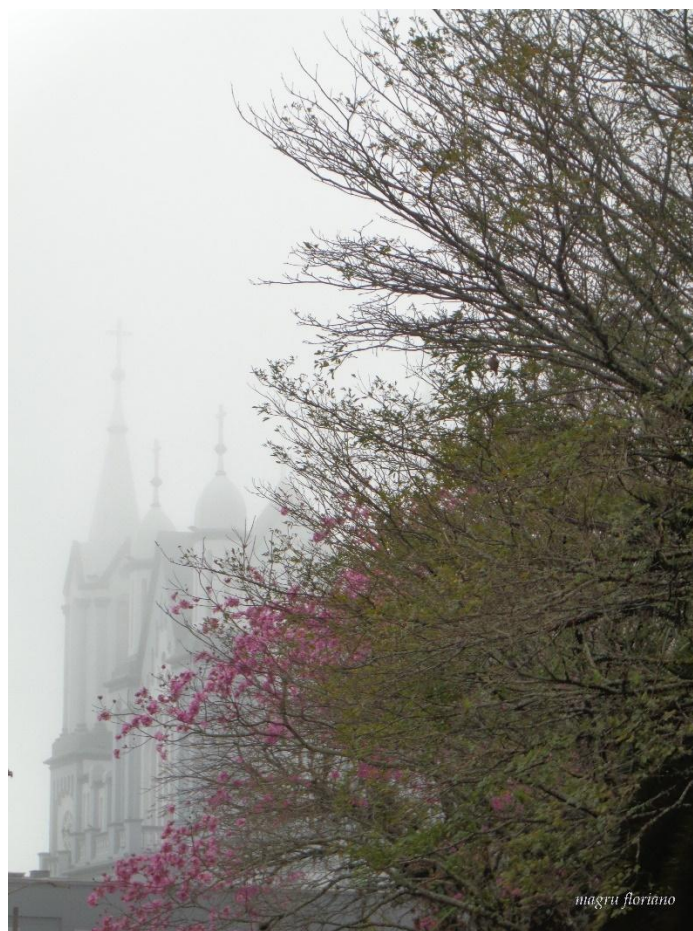
Uma outra maneira de se conseguir contraste entre elementos de um mesmo cenário é destacar apenas um elemento diferenciado, ficando no centro, sendo ladeado por elementos de mesma origem ou natureza. Aqui temos um edifício cercado por mata, até mesmo na parte superior da fotografia. Esse tipo de foto será sempre um trabalho que leva à reflexão, à denúncia, à arte fotográfica engajada.

CÉU NEUTRO I



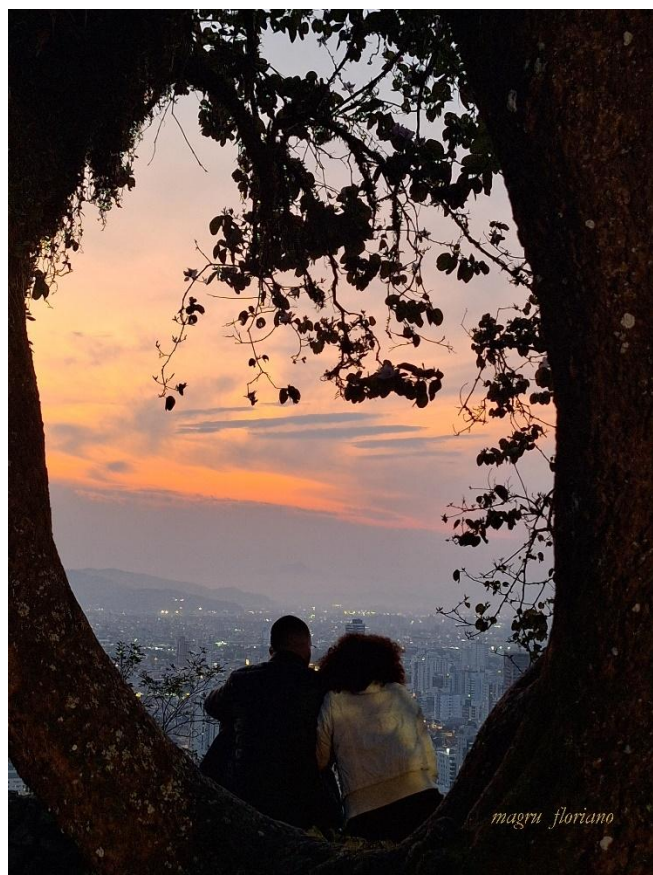
Não fica muito difícil de perceber que o céu nublado, completamente neutro e até com luz excessiva tira a qualidade da foto. Qualquer cor, risco, forma ... que estivesse ali no céu - possibilitando um pouco de contraste em todo aquele espaço na parte superior da foto - seria muito interessante. Esse tipo de céu tem de ser evitado. Comparando esta foto com a seguinte, dá de perceber que nesta primeira o céu nublado está fixo como fundo, enquanto na foto seguinte a neblina, que dá o tom padrão, extrapola o fundo e invade a própria imagem da igreja. Esse detalhe faz toda a diferença. Aqui, o fundo é estático; na foto da igreja, a neblina envolve, faz parte do cenário de forma ativa.

CÉU NEUTRO II



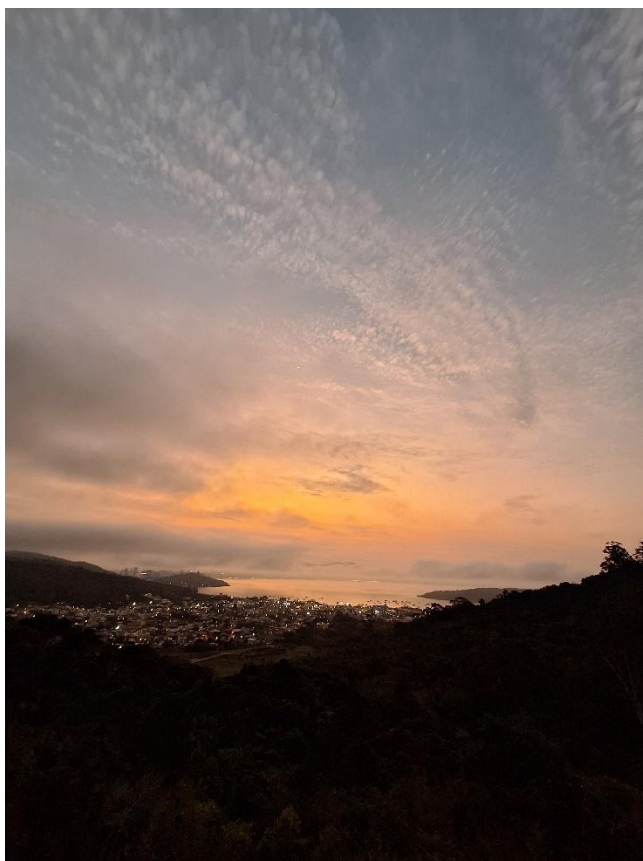
Na fotografia em dia de neblina o conceito modifica porque esse tom de fraco contraste é justamente o que se busca no momento. São duas fotos completamente diferentes. Na primeira foto o céu está cinza e neutro, evidenciando uma luminosidade morta que, inclusive, atrapalha o equilíbrio do conjunto fotografado. Na segunda foto temos a busca pelo baixo contraste com o foco na igreja, evidenciando a atmosfera sombria de um dia de neblina. Então, o que vale é a intenção e a busca de uma estética determinada.

PROTAGONISMO I



Fui até o Morro da Cruz tirar fotos do por do sol e encontrei esse casal apreciando a paisagem. A composição de três elementos ficou equilibrada: casal de namorados, por do sol, cidade iluminada. Os elementos também ganham destaque por estarem emoldurados por duas árvores. Essa foto perderia totalmente a qualidade e, até mesmo sua razão de ser, se o céu estivesse nublado. O protagonismo está no céu e sua luminosidade do final do dia.

PROTAGONISMO II



Muitas vezes o céu está tão extraordinariamente belo que puxa o foco para si. Estamos no mirante buscando uma foto da cidade de Porto Belo e fica evidente que o protagonismo está no céu. É ele que merece mais espaço. Ele passa a ser o foco. Essa lógica vale para muitos outros momentos da fotografia de rua. Apesar de partirmos com uma intenção inicial temos de nos render à imposição de um outro elemento mais forte esteticamente. Para se adaptar a esta realidade é preciso experiência, mas, acima de tudo, sensibilidade artística. Mudar os planos tem de fazer parte da nossa postura de artista.

MUITO POUCO



Para o céu ganhar protagonismo em uma fotografia basta muito pouco, detalhe. Uma lua que surge entre nuvens carregadas produzindo um pequeno ponto de luz no céu escuro pode ser o suficiente para dar um ganho de qualidade à imagem. Qualquer ponto de luz que anule o padrão ‘morto’ do céu (cinza, preto, azul) é suficiente para compor um novo equilíbrio estético. A exceção disso é a foto em dia de neblina e cerração porque a composição parte de uma outra lógica estética.

SOBREPOSIÇÃO I



Uma questão muito importante na fotografia de rua é a sobreposição de elementos. Aqui na foto o destaque deveria ser a criança olhando admirada para a estátua viva do artista Wlad. Mas a imagem do menino perde força estética por causa das pessoas que estão atrás dele. Sem aquelas pessoas tudo seria diferente, porque o menino ganharia mais visibilidade e a narrativa ficaria mais intensa, mais forte. O problema são objetos sobrepostos, tornando a foto visualmente ‘suja’.

SOBREPOSIÇÃO II



Aqui nesta foto temos sobreposição de elementos, alguns desnecessários. O foco principal da foto é o prédio da empresa Giorama, na Rua Hercílio Luz. Aproveitei o casal sentado no banco para dar um tom mais humanizado para a imagem. Contudo, ficou difícil bater a foto, porque o carro parou justamente entre o casal e o prédio. Para neutralizar a imagem do carro – que evito sempre – coloquei as duas bicicletas em movimento. Obviamente que a imagem ficaria muito melhor se apresentasse apenas o casal sentado no banco tendo o prédio da Giorama ao fundo. Carro e bicicletas são elementos que estão sobrando. Também dá de notar a fiação elétrica da rua e as sombras no piso – elementos indesejáveis nesse caso. É isso que eu chamo de imagem suja.

A ARTE ENGAJADA I



A arte engajada é aquela que busca levar ao seu público uma mensagem. Trabalha muito com o simbólico, o emblemático ... buscando mensagens indiretas que precisam da leitura consciente do espectador. O espectador tem de ter a consciência de que há uma mensagem a ser decifrada. No caso da foto, temos a cópia da Estátua da Liberdade da Havan cercada por arame-farpado. A imagem faz um contraponto entre a Estátua da Liberdade - símbolo maior da liberdade capitalista americana; e a cerca de arame-farpado que simboliza opressão, domínio e propriedade privada. Resumo: o capitalismo significa a liberdade dos ricos proprietários. Isso é engajamento em arte de rua.

ARTE ENGAJADA II



Outra possibilidade de engajamento na arte de rua é dar visibilidade àqueles marginalizados e ‘invisíveis’ ao olhar da sociedade burguesa, classes média e alta. Foi o que Sebastião Salgado fez durante toda a sua vida, tornar visível gente ‘invisível’ socialmente.

ARTE ENGAJADA III



A arte engajada pode seguir a linha de abrir espaço, para dar visibilidade, aos movimentos que lidam diretamente com a defesa dos Direitos Humanos e a melhoria de qualidade de vida da população em geral. A arte se coloca a serviço de uma causa. É muito comum, por exemplo, artistas fotográficos de rua destacarem personagens retirados de grupos minoritários oprimidos pela sociedade, como é o caso das prostitutas, mendigos e moradores de rua.

SATISFAÇÃO



No final, considerando tudo o que aqui foi dito, o mais importante é percebermos que temos diante de nós uma foto que consideramos bonita, que nos satisfaz aos olhos e espírito. Nada pode nos tirar a satisfação de ter fotografado e, na medida do possível, ter conquistado o prazer de tirar uma boa foto. Mesmo que tudo seja deletado ou vá parar na lata do lixo, o prazer de ter fotografado vale o esforço. Fotografar por prazer nos torna felizes e livres.

BASE DE CONSULTA

- DAVIS, Harold. Criatividade em preto & branco – dicas & técnicas de fotografia digital. Rio de Janeiro: Alta Books, 2011.
- DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico. 14ª ed. Campinas: Papirus, 2012.
- DYER, Geoff. O instante contínuo – uma história particular da fotografia. São Paulo: Cia das Letras, 2008.
- EXCELL, Lavrie et alii. Composição de simples fotos a grandes imagens. Rio de Janeiro: Alta Books, 2012.
- FABRIS, Annateresa. São Paulo: WMF; Martins Fontes, 2011.
- FREEMAN, Michael. O olho do fotógrafo – composição e design para fotografias digitais incríveis. Porto Alegre: Bookman, 2012.
- LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. São Paulo: Ed. WMF,; Martins Fontes, 2011.
- MEREDITH, Kevin. Hot Shots: faça de cada foto a sua melhor. Porto Alegre: Bookman, 2011.
- PRÄKEL, David. Fotografia básica: composição. Vol I. Porto Alegre: Bookman, 2013.
- SONTAG, Susan. Sobre fotografia. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- SOULAGES, François. Estética da fotografia: perda e permanência. São Paulo: ed. Senac SP, 2010.
- Conversas informais com: Alfabile Santana, Ronaldo da Silva Júnior, Marcos Porto, Pedrinho de Oliveira, Jandir Nascimento, Umbelino Cidral, Beto Bochino.



Meu olhar na fotografia é um ensaio que escrevi como exercício livre do meu modo de pensar e agir na arte fotográfica. Longe de querer fazer escola ou dizer aos fotógrafos profissionais o que se deve fazer durante o ato fotográfico, pretendi apenas passar alguns momentos de lazer refletindo sobre algo que gosto de fazer. É, portanto, um ensaio despretensioso em todos os sentidos.